

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA MODALIDADE À DISTÂNCIA

LUANA RAQUEL DOS SANTOS SILVA

**SOCIALIZAÇÃO E ADEQUAÇÃO CURRICULAR PARA O ESTUDANTE COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA
DE TAPEROÁ**

JOÃO PESSOA– PB

2020

LUANA RAQUEL DOS SANTOS SILVA

**SOCIALIZAÇÃO E ADEQUAÇÃO CURRICULAR PARA O ESTUDANTE COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA
DE TAPEROÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador (a): Prof.^a Doutora Izaura Maria de Andrade da Silva

JOÃO PESSOA-PB

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586s Silva, Luana Raquel dos Santos.

Socialização e adequação curricular para o estudante com Transtorno do Espectro Autista: estudo de caso em uma escola de Taperoá / Luana Raquel dos Santos Silva.
- João Pessoa, 2020.
67 f.

Orientação: Izaure Maria de Andrade da Silva.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Socialização. 2. Adequação curricular. 3. Estudante com Transtorno do Espectro Autista. 4. Educação inclusiva. 5. Educação especial. I. Silva, Izaure Maria de Andrade da. II. Título.

UFPB/CE

CDU 616.896(043.2)

LUANA RAQUEL DOS SANTOS SILVA

**SOCIALIZAÇÃO E ADEQUAÇÃO CURRICULAR PARA O ESTUDANTE
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ESTUDO DE CASO EM UMA
ESCOLA DE TAPEROÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de
Educação da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito institucional para obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 30/11/2020

BANCA EXAMINADORA

Izaura Maria de Andrade da Silva
Prof. Dra. Izaura Maria de Andrade da Silva
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

ADENIZE DE FARIAS

Prof. Dra. Adenize Queiroz de Farias
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Munique Massaro

Prof. Dra. Munique Massaro
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Dedico a Deus primeiro, por me conceder a honra de viver esse momento tão esperado. Também ao meu esposo pelas palavras de apoio e motivação para que não desistisse em meio aos obstáculos desta árdua caminhada e ao meu aluno que tem o TEA e que se tornou a base para esta pesquisa ser realizada.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar quero agradecer a DEUS por chegar até esse momento e a meu querido esposo por nunca me deixar desanimar ou desistir e chegar ao fim do curso me dando força, como também a toda minha família, principalmente meus irmãos pelas orações e palavras de ânimo e fé, por entender que nem sempre foi possível estar entre eles, uma vez que foi necessário abdicar de alguns momentos familiares, para obter êxito nessa longa jornada. A minha tia Maria que com tanto amor me criou, sempre me incentivando a estudar, buscar meus objetivos, alcançar meus sonhos e não desistir daquilo que queria sem lutar. Também aos meus amigos e amigas em especial as meninas do curso de pedagogia: Keomma, Luana, Joyce, Gisele, Ana Patrícia que mesmo distante criamos um laço de amizade, companheirismo ao longo desses quatro anos de estudos. Ao coordenador do Polo de Taperoá, Vamberto Teófilo, que sempre esteve e está pronto a ajudar, tirar dúvidas, auxiliando no contato entre a universidade e o estudante. A minha orientadora professora Izaura Maria de Andrade da Silva pela paciência, orientação e dedicação, aos professores do curso pelas orientações e ensinamentos ao longo desses quatro anos, os quais foram de muitas realizações. Tenho uma eterna gratidão por cada um de vocês que foram fundamentais para a realização desse momento.

“ O conhecimento é poder. Utilize parte de seu tempo para educar alguém sobre o autismo. Não necessitamos de defensores. Necessitamos de educadores”

(Asperger Women Association)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar as estratégias de socialização, de adequação curricular para o estudante com Transtorno do Espectro Autista e de que forma pais, professores e gestores promovem estas estratégias no ambiente familiar e escolar. Utilizaram-se autores como: Silva; Gaiato; Reveles (2012), Cunha (2009, 2019), Mantoan (1997, 2004, 2005), para uma melhor fundamentação teórica e embasamento do trabalho. A pesquisa é qualitativa, realizada através de observação participante, possibilitada por atuar junto ao estudante com este transtorno em sala na função de cuidador (a) escolar e entrevistas semiestruturadas sendo 3 roteiros: um para os pais, outro para professores e um destinado às gestoras. Participaram nove pessoas desse estudo. Foi possível compreender que a educação inclusiva ainda tem bastante obstáculos no seu processo construtivo na escola e que as estratégias de socialização e as adequações curriculares tem grande relevância no processo de ensino e aprendizagem, além de colaborar para a eficácia do desenvolvimento, autonomia e qualidade de vida do estudante, são fatores essenciais para a escolarização do estudante com Transtorno do Espectro Autista, já que proporciona a facilitação no processo de inclusão escolar. Os resultados coletados através das entrevistas detectaram as dificuldades em se promover as estratégias de socialização e também as adequações do currículo para que o estudante seja realmente incluído e não apenas integrado, que a falta de recursos didáticos, tecnológicos e a formação dos professores dificulta o desenvolvimento social e cognitivo do estudante. Esta pesquisa servirá como base norteadora para esta escola e outras do município possam trabalhar e desenvolver melhor as estratégias de socialização e adequar seus currículos objetivando melhorar a qualidade do ensino e aprendizagem para o estudante com Transtorno do Espectro Autista.

Palavras-Chave: Socialização. Estudante com Transtorno do Espectro Autista. Adequação Curricular. Educação Inclusiva. Educação Especial.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper aims to analyze the socialization strategies, curricular adequacy for the student with Autism Spectrum Disorder and how parents, teachers and managers promote these strategies in the family and school environment. Authors such as: Silva; Gaiato; Reveles (2012), Cunha (2009, 2019), Mantoan (1997, 2004, 2005), for a better theoretical foundation and work basis. The research is qualitative, carried out through participant observation, made possible by working with the student with this disorder in the classroom in the role of school caregiver and semi-structured interviews, 3 scripts: one for parents, another for teachers and one for managers. Nine people participated in this study. It was possible to understand that inclusive education still has a lot of obstacles in its constructive process at school and that socialization strategies and curricular adaptations have great relevance in the teaching and learning process, in addition to contributing to the effectiveness of development, autonomy and quality of education. student life, are essential factors for the schooling of the student with Autism Spectrum Disorder, since it facilitates the school inclusion process. The results collected through the interviews detected the difficulties in promoting the socialization strategies and also the adaptations of the curriculum so that the student is really included and not only integrated, that the lack of didactic, technological resources and the training of teachers hinders the development social and cognitive development. This research will serve as a guiding basis for the school and others in the municipality to work and better develop socialization strategies and adapt their curricula in order to improve the quality of teaching and learning for students with Autism Spectrum Disorder.

Key words: Socialization. Student with Autism Spectrum Disorder. Curricular Adequacy. Inclusive Education. Special Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CARACTERÍSTICAS, FORMAS DE IDENTIFICAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO.....	14
2.1. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CARACTERÍSTICAS	14
2.2. FORMAS DE IDENTIFICAÇÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....	16
2.3. ESCOLARIZAÇÃO DO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....	18
3. INTERAÇÕES SOCIAIS DO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	22
3.1. INTERAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR DO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	22
3.2. INTERAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO FAMILIAR DO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	28
4. ADEQUAÇÕES CURRICULARES PARA O ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....	30
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	36
5.1. TIPO DE PESQUISA	36
5.2. CAMPO EMPÍRICO	37
5.3. SUJEITOS DA PESQUISA	38
5.4. INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS	38
6. ANÁLISES E DISCUSSÕES DE DADOS OBTIDOS COM A PESQUISA.....	39
6.1. DESVENDANDO A INCLUSÃO	39
6.2. ESTRATÉGIAS DE SOCIALIZAÇÃO	41
6.3. COMPREENDENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	44
6.4. ASSIDUIDADE, RENDIMENTO E DESEMPENHO ESCOLAR DO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....	46
6.5. HABILIDADES INTERATIVAS PARA O ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	47
6.6. ADEQUAÇÕES NO CURRÍCULO PARA ATENDER AO ESTUDANTE	

	COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....	49
6.7.	ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)	51
6.8.	A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL DE APOIO	52
6.9.	SOCIALIZAÇÃO E CURRÍCULO NO CONTEXTO ESCOLAR E FAMILIAR.....	53
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERENCIAS	58
	APÊNDICES.....	64

1. INTRODUÇÃO

A educação é um direito assegurado a todos. Entende-se que para termos uma sociedade baseada na justiça e compromisso com cidadãos é necessário que haja conhecimentos, além daquele que já vem com cada pessoa, sendo a educação junto às instituições o elo destes dois conhecimentos. Dessa forma a educação se torna um parâmetro de grande importância, para que cada um possa adquirir sua formação acadêmica e ainda conhecimentos para conviver e estar em sociedade, obedecendo a suas regras e respeitando as diferenças e os espaços de cada pessoa.

Aprender a conhecer, a fazer, conviver e ser, pilares educacionais necessários para trabalhar com a educação, onde é de extrema necessidade compreendê-los, principalmente se pensarmos a educação como um todo e sobre a sua função em transformar o conceito da inclusão. A educação inclusiva vem quebrando barreiras e ganhando espaço. Estudantes com necessidades educativas especiais devem estar inclusos no ambiente escolar, em salas de aulas regulares, compartilhando o aprendizado e experiência com outros estudantes. Uma vez que é isso que educação inclusiva significa: a busca pelo respeito das diversidades étnicas, físicas, intelectuais, culturais, etc. além de promover valores e transformar as políticas públicas e o próprio sistema educacional, fazendo com que a inclusão não se torne apenas uma utopia e sim algo concreto, levando estes estudantes a desenvolverem-se cada dia mais, possibilitando melhorar desde aspectos físicos até os cognitivos.

Partindo desse pressuposto da inclusão, teremos um enfoque no estudante com transtorno do espectro autista (TEA), que são condições em que acontece dentro de uma deficiência neurológica e causa um impacto no desenvolvimento de quem tem o transtorno, onde estes impactos por sua vez interferiram na socialização, interação, comunicação, gera padrões de comportamentos repetitivos, interferindo também na maneira que a criança vê ou percebe o mundo ao seu redor, contudo não é uma doença, tendo em vista que não tem sintomas específicos ou diagnósticos precisos e sim reúne uma variedade de sintomas, por isso que não pertence à classificação de doença ou síndrome.

O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR) na edição quatro apresentava cinco tipos de subcategorias para o Autismo: transtorno autista; a síndrome de Rett (embora esteja como subcategoria do Transtorno do Espectro Autista essa síndrome apresenta causa genética e não mais considerada como um transtorno segundo as Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista); a síndrome de Asperger; o transtorno desintegrativo da infância; e o transtorno geral do desenvolvimento não

especificado assim como graus: leve, moderado e severo. Mas em sua edição cinco o DSM-V incluiu quatro dessas subcategorias como uma única definição, fazendo com que houvesse mudanças significativas no diagnóstico do autismo, o qual se adotou então o termo Transtorno do Espectro Autista, onde foi considerado que a síndrome de Rett seria agrupada no conceito de doença e não mais um transtorno.

Sabe-se que os impactos decorridos deste transtorno são imensos e os desafios a serem superados enormes, uma vez que afeta a socialização, interação e consequentemente acarreta diversos problemas principalmente no desenvolvimento da aprendizagem. Se pensarmos em como é uma realidade difícil para estes estudantes conviver com pessoas diferentes daquelas do seu convívio diário, sair da sua rotina, conteúdos e atividades em que não a compreensão de conhecimento, apresentar-lhes um mundo totalmente novo sem preparação para isto, causará um impacto certamente negativo, destrutivo para sua vida.

Por isso que é importante pensar em estratégias de socialização e adequações curriculares para assim garantir que elas possam sentir-se como parte integrante da escola e de sua sala de aula, ou seja, realmente inclusas. Na verdade, é mais que necessário buscar estratégias de socialização e possibilitar que os currículos estejam adequados para as diferentes necessidades educativas do estudante com transtorno do espectro autista, uma vez que apresenta condições variadas em cada indivíduo.

Através de experiências em salas de aulas com estudantes que tinham o transtorno do espectro autista, devido aos estágios proporcionados pelo curso em escolas públicas e no espaço de trabalho onde atuo como cuidador (a) escolar em uma escola municipal, foi possível observar que há uma grande dificuldade em promover as estratégias de socialização e adequações curriculares, incluindo nesse processo gestores, professores e pais.

Dessa forma surgiu a problemática de pesquisa: Quais são as estratégias de socialização e adequação curricular para o estudante com Transtorno do Espectro do Autismo e de que forma professores, gestores e pais promovem estas estratégias no ambiente escolar em consonância com o ambiente familiar?

Sendo estes conceitos que geraram o tema a serem pesquisados os quais culminarão em uma análise sobre as estratégias de socializações e adequações curriculares e como professores, gestores e pais promovem estas estratégias dentro das instituições em consonância ao ambiente familiar. A pesquisa é qualitativa e de caráter exploratório, através de observação participante, entrevistas semiestruturadas e estudo de caso com os pais, professores e gestores de estudantes com Transtorno do Espectro Autista. Esta metodologia a ser utilizada acontecerá de forma virtual.

O **objetivo geral** da pesquisa é analisar as estratégias de socialização, de adequação curricular para o estudante com Transtorno do Espectro Autista e de que forma pais, professores e gestores promovem estas estratégias no ambiente familiar e escolar. **Os objetivos específicos são:** Comparar as estratégias entre docentes e gestores para desenvolver a socialização do estudante com Transtorno do Espectro Autista com as estratégias dos pais; identificar as principais adequações curriculares existentes na escola e no ambiente familiar para viabilizar a aprendizagem do estudante com Transtorno do Espectro Autista.

A pesquisa está estruturada da seguinte forma: Primeiro capítulo como Introdução e em seguida três capítulos que serviram para fundamentar/referenciar teoricamente a pesquisa: Transtorno do Espectro Autista: Características, Formas de Identificação e Escolarização; Interações Sociais do Estudante com Transtorno do Espectro Autista; Adequações Curriculares para o Estudante com Transtorno do Espectro Autista; no quinto capítulo temos os procedimentos metodológicos, no sexto a análise e discussões de dados obtidos com a pesquisa, terminando com o capítulo sete que são as considerações finais, logo após as referências e apêndices.

Observar justamente essa necessidade de compreender tais estratégias, uma vez que auxílio uma professora, em uma escola municipal com um estudante diagnosticado com transtorno do espectro autista, tornou-se relevante aprender sobre o tema sendo também uma excelente maneira de ajudar não só ele, mas outros estudantes no processo de socialização, desenvolvimento e aprendizagem mediante a um currículo adequado a eles. Essa análise visa ajudar futuramente a quem acessá-la, compreender os processos que de alguma forma dificultam a colocar em prática o tema proposto, ajudando professores e gestores, assim como pais a lidarem com eventuais situações-problemas que venham a surgir no contexto escolar e familiar em relação ao estudante com transtorno do espectro autista.

2. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CARACTERÍSTICAS, FORMAS DE IDENTIFICAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO

Este trabalho tem por tema compreender como são promovidas as estratégias de socialização e as adequações curriculares para o estudante com transtorno do espectro autista, baseados em trabalhos que tem relação com a temática e estudos de autores como Silva; Gaiato; Reveles (2012), Cunha (2009, 2019), Mantoan (1997, 2004, 2005) entre outros diversos autores que tiveram grande relevância para a fundamentação do tema. Mas partiremos do princípio e conheceremos brevemente o que é o Transtorno do Espectro Autista, até chegarmos ao tema, uma vez que é necessário desmistificar a visão que muitos possuem de uma pessoa com o transtorno.

Quando se ouve a palavra "autismo", logo vem à mente a imagem de uma criança isolada em seu próprio mundo, contida numa bolha impenetrável, que brinca de forma estranha, balança o corpo para lá e para cá, alheia a tudo e a todos. Geralmente está associada a alguém "diferente" de nós, que vive à margem da sociedade e tem uma vida extremamente limitada, em que nada faz sentido. (SILVA, GAIATO; REVELES, 2012, p. 3)

É necessário que a sociedade veja e entenda que a pessoa com transtorno do espectro autista tem grandes potencialidades a serem desenvolvidas, habilidades que nos revelam e nos fazem de alguma forma refletir se na verdade não somos nós que de certo modo vivemos uma alienação por estar fora de um mundo que é tão singular como o dessa pessoa.

2.1. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CARACTERÍSTICAS

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou Autismo termo ainda utilizado por muitos é considerado como um grupo de distúrbios no desenvolvimento neurológico que tem impacto direto na maneira de perceber o mundo e na sua interação, onde os desafios sociais como a comunicação (verbal ou não), socialização e o comportamento repetitivo/restritivo são desafiantes de lidar para quem convive (pais e professores principalmente) com a pessoa que tem TEA, uma vez que o transtorno acontece de forma diferenciada em cada pessoa. Tem maiores incidências em pessoas do sexo masculino, atingindo cerca de 70 milhões de pessoas em todo o mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS- Ministério da Saúde, abril, 2010).

O Transtorno do Espectro Autista manifesta-se nos primeiros anos de vida, proveniente de causas ainda desconhecidas, mas com grande contribuição de fatores genéticos. Trata-se de uma síndrome tão complexa que pode haver diagnósticos médicos abarcando quadros comportamentais diferentes. Tem

em seus sintomas incertezas que dificultam, muitas vezes, um diagnóstico precoce (CUNHA, 2009, p.19).

No Brasil há uma data voltada somente a conscientização do Autismo, o dia 2 de abril que foi instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2007, tendo sua primeira comemoração no ano seguinte. Há também símbolos em representação do TEA: A cor azul (por haver maior incidência em meninos), peça de quebra-cabeça (mostrando a complexidade dos diferentes espectros autistas), fita de conscientização (representa a diversidade de pessoas e famílias que convivem com a TEA) e o logotipo da neuro diversidade (símbolo do infinito que celebra a diversidade e esperança para a pessoa com TEA).

O Autismo surgiu pela primeira vez em um artigo que foi publicado no Tratado de Psiquiatria em 1911, escrito por Eugen Bleuler. Sua origem etimológica vem do grego “auto”, que significa “si mesmo” (GARRABÉ, 2012). Mas começou a ser de fato utilizado no início de 1943 por Leo Kanner, em seu artigo intitulado: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo (Autistic disturbances of affective contact). Marinho e Merkle (2009, p. 6.086) relatam:

Kanner (1943) ressalta que o sintoma fundamental, “o isolamento autístico”, estava presente na criança desde o início da vida sugerindo que se tratava então de um distúrbio inato. Nela, descreveu os casos de onze crianças que tinham em comum um isolamento extremo desde o início da vida e um anseio obsessivo pela preservação da rotina, denominando-as de “autistas”.

Muitos pesquisadores permearam seus estudos a partir das ideias de Kanner, com algumas modificações, associando assim o TEA a um déficit cognitivo e social, levando em consideração o fator de que se tratava de um distúrbio do desenvolvimento, fazendo com surgisse mais sintomas e o autismo sem um conceito definido.

“O autismo é uma condição caracterizada pelo desenvolvimento acentuadamente anormal e prejudicado nas interações sociais, nas modalidades de comunicação e no comportamento” (American Psychiatric Association [APA], 2013). Caracterizada por um conjunto de fatores que alteram no indivíduo a comunicação, habilidade social, o que lhe faz voltar o interesse para algo mais restrito de uma forma muito intensa (apego por trens, carros, dinossauros, etc.), além de ter comportamentos repetitivos/estereotipados, não gostar de lidar com algo inesperado e muito menos ser flexível a mudanças de rotinas.

Embora tenha estes principais sintomas, o fenótipo de pacientes com TEA pode mudar muito, o que abrange desde indivíduos com deficiência intelectual (DI) grave que tem baixo desempenho em habilidades de comportamento adaptáveis, até aqueles com quociente de inteligência (QI) normal, que são independentes.

O autismo é definido pela Organização Mundial de Saúde como um distúrbio do desenvolvimento, sem cura e severamente incapacitante.

Sua incidência é de cinco casos em cada 10.000 nascimentos caso se adote um critério de classificação rigorosa, e três vezes maior se considerar casos correlatados, isto é, que necessitem do mesmo tipo de atendimento (MANTOAN, 1997, p. 13).

A pessoa com Transtorno do Espectro Autista necessita de acompanhamento específico e individual, visto que é um transtorno muito complexo dependendo do grau: Traços do autismo, com características muito leves; Síndrome de Asperger; Autismo em pessoas com alto funcionamento; Autismo clássico, grave, com retardo mental associado (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 42), que podem apresentar inúmeras comorbidades, como hiperatividade, distúrbios de sono e gastrintestinais, epilepsia, além de outras síndromes como Down, Tourette, paralisias cerebrais, deficiências visuais e auditivas (Charman & Baird, 2002), podendo desenvolver também depressão e ansiedade que são sintomas comuns em jovens e adultos com autismo de alto funcionamento cognitivo (Newsom & Hovanitz, 2006), por isso que necessitam durante o acompanhamento da ampla participação dos pais, familiares e equipe profissional.

As causas do Transtorno do Espectro Autista não são precisamente determinadas, mas a genética é considerada de grande relevância quando há um diagnóstico do transtorno. Por ter causa até então genéticas, não tem cura, porém há tratamentos que promovem bem-estar e uma melhora na qualidade de vida, no desenvolvimento de quem tem TEA: controle da emoção, terapia familiar, análise do comportamento aplicada e terapias comportamentais como: comunicação e comportamento; medicamentos; ocupacional; fisioterapia; do discurso/da linguagem.

Estas terapias têm a função de auxiliar no desenvolvimento das habilidades sociais, comunicativas e aprendizagem. Há ainda programas para resolver problemas sociais, de comunicação e do comportamento: **ABA**-Análise Aplicada do Comportamento, **TEACCH** - Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits relacionados à Comunicação.

2.2. FORMAS DE IDENTIFICAÇÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o chamado DSM-V, em sua quinta edição adotou o termo Transtorno (por se tratar de uma condição de ordem psicológica e mental que compromete uma vida) do Espectro (apresenta-se de várias formas que vai de um grau leve em que há dificuldade em fechar um diagnóstico até um quadro clínico mais complexo em que se observam todos os sintomas) do Autismo (TEA).

O Transtorno Autista consiste na presença de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da interação social e da comunicação e um repertório muito restrito de atividades e interesses. As manifestações do transtorno variam imensamente, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade cronológica do indivíduo. (KUPERSTEIN & MISSALGLIA, 2005, p. 1)

Segundo o DSM 5 (APA, 2014), os critérios diagnósticos do TEA são:

1. déficits persistentes na comunicação social e nas interações, clinicamente significativos manifestados por: déficits persistentes na comunicação não-verbal e verbal utilizada para a interação social; falta de reciprocidade social; incapacidade de desenvolver e manter relacionamentos com seus pares apropriados ao nível de desenvolvimento.
2. Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades, manifestados por pelo menos dois dos seguintes: estereótipos ou comportamentos verbais estereotipados ou comportamento sensorial incomum, aderência excessiva às rotinas e padrões de comportamento ritualizados, interesses restritos.
3. Os sintomas devem estar presentes na primeira infância (mas podem não se manifestar plenamente, até que as demandas sociais ultrapassem as capacidades limitadas).
4. Os sintomas causam limitação e prejuízo no funcionamento diário.

O DSM 5 também sugere o registro de especificadores: Com ou sem Deficiência intelectual, com ou sem comprometimento da linguagem concomitante, associado a alguma condição médica ou genética conhecida, ou a fator ambiental, associado a outro transtorno do desenvolvimento, mental ou comportamental, com catatonia.

Quanto ao diagnóstico de autismo em uma pessoa nem sempre é possível identificar a qual grau (leve, moderado, severo) de funcionamento está inserido, uma vez que há uma variedade de faces e particularidades em cada indivíduo. O transtorno do espectro autista tem início precocemente e o seu desenvolvimento é permanente, por isso seu diagnóstico é baseado nos comportamentos e no desenvolvimento de cada indivíduo, uma vez que apresenta uma complexidade de sintomas que dificulta um diagnóstico preciso. É de fundamental importância o diagnóstico precoce para que haja melhora no quadro do autismo, pois assim serão definidos quais tratamentos e programas são adequados para cada transtorno gerando desenvolvimentos em cada aspecto afetado pelo transtorno. Siklos e Kerns (2007) falam de quatro fatores em que há uma grande influência para o atraso de um diagnóstico precoce:

- 1) a variabilidade na expressão dos sintomas do TEA;
- 2) as limitações da própria avaliação de pré-escolares, uma vez que essa população demanda instrumentos específicos e sensíveis aos comportamentos sociais mais sutis e próprios dessa faixa etária;
- 3) a falta de profissionais treinados/habilitados para reconhecer as manifestações precoces do transtorno;
- 4) a escassez de serviços especializados.

A escola, assim como pais, professores/cuidadores, gestores tem um papel importante em favorecer o diagnóstico precoce, pois a convivência diária permite perceber quaisquer alterações no desenvolvimento do estudante, facilitando o processo, permitindo assim que haja um diagnóstico cedo e não tardio, dando condições para que esta criança consiga desenvolver-se de alguma forma. Contudo o diagnóstico só é feito por um especialista/profissional nesta área.

2.3. ESCOLARIZAÇÃO DO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

A deficiência era tratada como uma anormalidade, nas sociedades antigas:

Se lhes parecia feia, disforme e franzina, como refere, Plutarco, esses mesmos anciãos, em nome do Estado e da linhagem de famílias que representavam, ficavam com a criança. Tomavam-na logo a seguir e a levavam a um local chamado Ápothetai, que significa depósito. Tratava-se de um abismo situado na cadeia de montanhas Tahgetos, perto de Esparta, onde a criança era lançada e encontraria a morte, pois, tinham a opinião de que não era bom nem para a criança nem para a república que ela vivesse, visto como desde o nascimento não se mostrava bem constituída para ser forte sã e rija durante toda a vida. (SILVA, 1986, p. 122).

Portanto quem a possuía era constantemente excluído, isolado e vigiado, em uma sociedade que priorizava o ideal de beleza, a força física onde assim cada vez mais aumentava o preconceito e a discriminação para com estes. Marques e Marques (2003) deixam claro isto em sua afirmação:

A Modernidade, descrita por Foucault (1989) e Bauman (1998) como sociedade disciplinar ou normalizadora pode ser compreendida como um ambiente de sucessivos confinamentos, cada qual com suas próprias leis e sanções disciplinadoras. A instituição da norma **absolutiza** atitudes e pensamentos e o controle passa a ser uma questão de estar “dentro” ou “fora” dos padrões estabelecidos como normas. Assim, no cenário do mundo moderno, “a exclusão social se manifesta como formação ideológica dominante, onde o sujeito com deficiência é o principal personagem, já que os seres humanos são calcados na dicotomia de certo e errado, bom ou ruim, normal ou anormal” (MARQUES; MARQUES, 2003, p. 227)

Ao passo em que as transformações foram surgindo na sociedade, às pessoas começaram a olhar as deficiências com mais empatia, conscientes de que essas deficiências não eram imposições para se estar em sociedade. A inclusão passou então a ganhar mais espaço e foi no contexto educacional que assim foi possível reduzir significativamente preconceitos e

desigualdades em torno dessas pessoas e melhorar seu cotidiano, dando-lhes a possibilidade de ter um futuro digno e promissor.

A sociedade, em todas as culturas, atravessou diversas fases no que se refere às práticas sociais. Ela começou praticando a **exclusão social** de pessoas que – por causa das condições atípicas – não lhe pareciam pertencer à maioria da população.

Em seguida, desenvolveu o **atendimento segregado** dentro de instituições, passou para a prática da **integração social** e recentemente adotou a filosofia **inclusão social** para modificar os sistemas sociais gerais. (SASSAKI, 1997 p. 16, grifos do autor)

A Educação da pessoa com transtorno do espectro autista tem apresentado diversas mudanças significativas ao longo do tempo até chegar como está hoje, ou seja, partiu da exclusão, passando pela segregação, praticou a integração e por fim chegou à inclusão dando oportunidades para que todos compreendam que justamente nas diferenças todos se tornam iguais, que podem e devem conviver de forma harmoniosa, compartilhar ideias, demonstrar afeto, solidariedade em prol do outro, ter colaboração e respeito para com todos aprendendo dentro do ambiente escolar sobre a ideia do que é inclusão e levando esse aprendizado para toda a vida.

A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (BRASIL 2008, p. 1)

Esse é o objetivo da educação inclusiva, que estudantes com deficiências e que por ventura apresentam necessidades educativas especiais convivam com outros alunos de classes regulares, sem que haja necessidade de separação, trazendo assim igualdade nas inúmeras diversidades. E a educação inclusiva assegura o direito destes alunos em obter benefícios da igualdade educacional. Partindo da educação inclusiva falaremos sobre escolarização para o estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

No campo da educação, a inclusão envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola. Isto inclui o currículo corrente, a avaliação, os registros e os relatórios de aquisições acadêmicas dos alunos, as decisões que estão sendo tomadas sobre o agrupamento dos alunos nas escolas ou nas salas de aula, a pedagogia e as práticas de sala de aula, bem como as oportunidades de esporte, lazer e recreação. (MITTLER, 2003, p. 25)

É importante se levar em conta as características do educando com o transtorno do espectro autista, assim entender-se-á que é de grande relevância formar profissionais

qualificados que atendam a este aluno para que assim possa sentir-se totalmente incluso dentro do ambiente escolar. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no capítulo V assegura exigências para a educação especial: currículo, método, técnicas, recursos educativos e de organização que atendam às necessidades do educando:

A formação dos profissionais da educação possibilitará a construção de conhecimento para práticas educacionais que propiciem o desenvolvimento sócio cognitivo dos estudantes com transtorno do espectro autista. (NOTA TÉCNICA Nº 24 /2013 /MEC /SECADI /DPEE)

Mantoan (2005) coloca em evidencia a necessidade de recriar um novo modelo educacional, onde a escola prioriza a qualidade ao invés de quantidade nos conteúdos, em que a inclusão de fato aproxime os seus alunos e estes compreendam a produção do conhecimento como forma de conhecer o mundo e aquilo que os cercam, que a escola busque a parceria com a família de cada aluno e a comunidade. Para Belisário (2010) os subsídios teóricos não atende ao que se requer numa educação inclusiva, visto que as metodologias são para um processo mais especializado, ficando cada vez mais longe de uma escolarização básica, pois como nem todos os educadores conhecem as estratégias pedagógicas específica para estudantes com transtorno do espectro autista.

Para que a escola possa promover a inclusão do autista é necessário que os profissionais que nela atuam tenham uma formação especializada, que lhes permita conhecer as características e as possibilidades de atuação destas crianças. Tal conhecimento deveria ser efetivado no processo de formação desses profissionais, sobretudo dos professores que atuam no ensino fundamental (SILVA; BROTHERHOOD, 2009, p. 3)

O documento “Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva”, acorda que:

Os sistemas de ensino devem organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e a comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender as necessidades educacionais de todos os alunos (BRASIL, 2010, p. 24)

A escola precisa ir além de um ambiente em que apenas se transmita o conhecimento, sendo necessária ser um espaço que promova à diversidade, socialização, a construção da identidade pessoal, assegurando ao aluno ter liberdade e trabalhar na construção de sua autonomia e individualidade.

As escolas com propostas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas dificuldades de seus alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade para todos mediante currículos apropriados, modificações organizações, estratégias de ensino, recursos e parcerias com as comunidades. A inclusão exige da escola novos posicionamentos que implicam num esforço de atualização e

reestruturação das condições atuais, para que o ensino se modernize e para que os professores se aperfeiçoem, adequando as ações pedagógicas à diversidade dos aprendizes (VELTRONE; MENDES, 2007, p. 2)

A escola inclusiva formará uma sociedade que promove justiça, integra a todos e que se preocupa em ser solidária com o outro, exercendo de maneira democrática oportunidades iguais a todos. Contudo é um grande desafio fazer com que todos os alunos aprendam juntos, uma vez que a criança tendo uma necessidade educativa, precisa de uma estratégia especializada para que possa desenvolver sua aprendizagem, habilidades e conseguir compreender aquilo que o educador está ensinando.

Segundo Belizário (2010) a flexibilização é um argumento importante na sala de aula para escolarizar o estudante com transtorno do espectro autista, partindo do ponto em que as estratégias pedagógicas sejam voltadas ao desenvolvimento do ensino/aprendizagem pautadas no cognitivo, familiarizar-se com o ambiente, com a rotina, promovendo a interação, comunicação e experiências no contexto social. Salienta a importância de registrar o desenvolvimento deste estudante, planejamento escolar voltado a ela, bem como o modo de avaliação. Contudo destaca que o professor precisa vencer os medos e anseios ao se deparar com o aluno com Transtorno do Espectro Autista.

Na escolarização do estudante com o transtorno é direito deste ser inserido no Atendimento Educacional Especializado (AEE), onde professores deste atendimento atuam em comum com o professor da sala regular para que assim o estudante possa ser favorecido por estratégias curriculares que promovam comumente seu aprendizado.

Em todas as etapas e modalidades da educação básica, o atendimento educacional especializado é organizado para apoiar o desenvolvimento dos alunos, constituindo oferta obrigatória dos sistemas de ensino e deve ser realizado no turno inverso ao da classe comum, na própria escola ou centro especializado que realize esse serviço educacional (BRASIL, 2010, p. 22)

Dessa maneira o atendimento educacional especializado tem como função:

Identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substituídas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2010, p. 21)

O Atendimento Especializado não substitui a escolarização, mas desenvolve-se em acordo com o que se pede na proposta pedagógica da escola, procurando estabelecer uma parceria com os pais, utilizando recursos, métodos e técnicas de ensino que permitam atender

de forma especial as necessidades do estudante. Dessa forma a uma complementação em ajudar na construção desse estudante ser mais livre, autônomo e independente dentro e fora da escola.

Permitir que este estudante tenha uma escolarização, com currículo adequado as suas necessidades educativas, é promover cada vez mais o sentido da inclusão, pois é através do contato social que ele estará se desenvolvendo, dando também aos outros estudantes a oportunidade de conviver e respeitar as diferenças em cada um.

3. INTERAÇÕES SOCIAIS DO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Bakhtin (1980 apud DAHLET, 2005) fala sobre a importância das interações para se construir o discurso: “toda a parte verbal de nosso comportamento (quer se trate de linguagem exterior ou interior) não pode, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual considerado isolado” (Ibidem, p. 55). Acerca disso podemos considerar que sem as interações não haveria comunicação, aprendizagem e tão pouco desenvolvimento nos indivíduos, uma vez que são as interações sociais que proporciona conhecer o outro e a si mesmo.

3.1. INTERAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR DO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro Autista é uma junção de sintomas que impacta o desenvolvimento de uma pessoa, alterando principalmente três áreas: socialização, linguagem/comunicação e o comportamento, porém o campo mais prejudicado são as habilidades sociais, por isso a importância do diagnóstico precoce, uma vez que os tratamentos poderão a minimizar as dificuldades impostas pelo transtorno.

A socialização é um processo relevante, visto que o homem é um ser social e não consegue viver só, isoladamente. A sociedade de uma forma geral depende da coletividade, parcerias, interações para prosperar. Nesse contexto as habilidades sociais são extremamente necessárias para a convivência, compartilhar espaços adaptar-se a diferentes contextos e poder interpretar aquilo que alguém deseja ou pensa. A escola é muito importante neste sentido de promover o desenvolvimento das habilidades sociais, pois de uma forma geral ensina sobre a diversidade social, respeito às diferenças, valores, interação, uma vez que para estudantes com necessidades educativas especiais conviver com outros estudantes:

“[...] se torna benéfico na medida em que representa uma inserção de fato no universo social e favorece o desenvolvimento e a aprendizagem, permitindo a

formação de vínculos estimuladores, o confronto com a diferença e o trabalho com a própria dificuldade”. (BRASIL, 1998, p. 35)

A interação é um processo da socialização, conceito importante o qual toda a comunidade escolar precisa estar em comum acordo, já que os estudantes com transtorno do espectro autista necessitam sentir-se acolhidos e que realmente fazem parte daquele contexto em que todos estão inseridos, ou seja, a escola tem um papel de incluir professor/aluno, aluno/aluno, aluno e equipe escolar.

Para entender melhor essa questão da socialização/interação é necessário deixar de lado preconceitos estabelecidos e subentendidos como verdade de que aqueles com necessidades educativas especiais são dignos de pena, deve ser tratado de forma diferenciada ou mesmo ser considerados doentes e por isso outros não podem se aproximar deles, sendo isso que faz as pessoas tratar-lhes com preconceito e discriminação, pois como afirma Glat (1995, p. 53) ” As pessoas anormais, ou desviantes, nos perturbam porque não sabemos exatamente como lidar com elas”

O processo de interação contribui para que o estudante tenha um desenvolvimento melhor ampliando as noções comportamentais, fazendo com que haja uma compreensão por parte deste das normas e valores que fazem parte da sociedade onde vivem. Porém para que tudo isso aconteça é necessária uma adaptação ao ambiente em que elas estão inseridas, proporcionando segurança, proteção, incitando no estudante a vontade em interagir com seus colegas e demais pessoas ao seu redor.

No decorrer da sua vida acadêmica estudantes com deficiência encontrarão problemas em socializar-se, se relacionar com os demais colegas, professores, funcionários, enfim com a comunidade escolar. Se pensarmos que estes processos já são difíceis para estudantes sem deficiência, para aqueles que possuem alguma se torna extremamente difícil, uma vez que cada um apresenta suas particularidades. A adaptação de mudar todo o contexto em que está acostumado tem que ser feita aos poucos, visto que ele só convive com o núcleo familiar e fugir da rotina em que já está confortável **poderá desencadear situações as quais a escola não estará preparada para resolver.**

É justamente por ser a inabilidade em se relacionar o primeiro de muitos obstáculos que o estudante com transtorno do espectro autista encontra ao sair da zona de conforto para estar no ambiente escolar que se torna um desafio imenso a escolarização deles. O contato social é de grande relevância para esse processo, já que esse contato promove a interação o que colabora para o ensino/aprendizagem e inclusão desses estudantes.

As dificuldades na comunicação ocorrem em graus variados, tanto na habilidade verbal quanto na não verbal de compartilhar informações com outros. Algumas crianças não desenvolvem habilidades de comunicação. Outras têm uma linguagem imatura, caracterizada por jargão, ecolalia, reversões de pronome, prosódia anormal, entonação monótona, etc. Os que têm capacidade expressiva adequada podem ter inabilidade em iniciar ou manter uma conversa apropriada. Os déficits de linguagem e de comunicação persistem na vida adulta, e uma proporção significativa de autistas permanece não verbal. Aqueles que adquirem habilidades verbais podem demonstrar déficits persistentes em estabelecer conversa, tais como falta de reciprocidade, dificuldades em compreender sutilezas de linguagem, piadas ou sarcasmo, bem como problemas para interpretar linguagem corporal e expressões faciais (GADIA, ET al. 2004, p. 20)

A dificuldade na comunicação depende do grau do Transtorno, indo do leve, moderado até o mais grave. Os estudantes com autismo apresentam variados sintomas: não conseguem se expressar fica o maior tempo isolado, sozinho e apresentam comportamentos estereotipados, balançam o corpo ou se comunicam através de balbucios, etc.; outros são descritos como nerds, ficam quietinhos e são interpretados erroneamente de forma pejorativa como estranho, esquisito, quando na verdade apresentam apenas dificuldades em interagir e relacionar-se; ainda há aqueles que não acompanham os assuntos falados no momento, tem déficit de atenção ou não interpretam de forma nenhuma as linguagens corporais/faciais ficando assim extremamente difícil promover as interações.

Assim ter um contato social para eles é difícil, complicado, pois de certo modo ainda não aprenderam, não sabem interagir ou criar vínculos o que é um passo importante nos relacionamentos. Essa falta de habilidade social faz com que outros estudantes permaneçam ainda mais distantes. Pode-se dizer que há um prejuízo na qualidade das interações dos estudantes com transtorno do espectro autista, uma vez que têm dificuldade de compreender ou interpretar as intenções e expressões dos outros colegas, gestos, sinais precisando ser ensinado diariamente a desenvolver estas habilidades sociais.

Esse déficit na simbolização, afeta a comunicação, pois há necessidade de um uso ativo de símbolos para representação, especialmente quando se trata de situações que envolvem elementos mais abstratos como sentimentos, emoções, entre outros. (PASSERINO, 2012, p. 227)

A inclusão escolar precisa acontecer o mais cedo possível para que através das estratégias pedagógicas que visam desenvolver as habilidades sociais no estudante com autismo possam ser eficazes e que uma vez adaptado ao ambiente escolar poderá enfim formar e manter as relações com seus pares (Associação Psiquiátrica Americana, 2002).

Segundo Batista e Enumo (2004), há uma carência em dar oportunidades a estes estudantes com necessidades educativas especiais (NEE) de se relacionar com os outros de

classes regulares, impedindo as relações de amizades e se desenvolver, visto que não houve possibilidades de experiências, expansão de uma socialização fazendo com que eles se comportem de uma maneira inadequada do ponto de vista do outro estudante, com isso gerando menos aceitação por outros colegas, aumentando ou levando as diferenças.

As crianças com autismo não escolhem ficar sozinhas, mas a falta de habilidades sociais as mantém distantes das outras, entretidas no seu mundo, sem demonstrar desconforto. Elas são bem diferentes de crianças tímidas, que não conseguem ficar com o grupo por vergonha, mas observam de longe seus coleguinhas, com nítida vontade de serem aceitas e de participarem das brincadeiras. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 13-14)

Vygostsky (1989) sugeriu que os limites não se tornassem motivo de falta de desmotivação ou piedade, mas que estes pudessem entender que tinham limites, porém também possibilidades, neste sentido o autor afirma:

Um defeito ou problema físico, qualquer que seja sua natureza, desafia o organismo. Assim, o resultado de um defeito é invariavelmente duplo e contraditório. Por um lado, ele enfraquece o organismo, mina suas atividades e age como uma força negativa. Por outro lado, precisamente porque torna a atividade do organismo difícil, o defeito age como um incentivo para aumentar o desenvolvimento de outras funções no organismo; ele ativa, desperta o organismo para redobrar atividade, que compensará o defeito e superará a dificuldade. Esta é uma lei geral, igualmente aplicável à biologia e à psicologia de um organismo: o caráter negativo de um defeito age como um estímulo para o aumento do desenvolvimento e da atividade. (VYGOTSKY, 1989, p. 7)

Todo este contexto de dificuldades age e proporciona ao desenvolvimento deste estudante desde que ambos os sujeitos envolvidos na função estiverem com propósito de agregar o “problema” a uma evolução no processo de construção de conhecimento, sendo através desse conjunto que ajudará a promover a interação social culminando em uma convivência harmoniosa em sala de aula e fora desta.

As relações sociais são complexas e ocorrem de modo natural ou por meio de grupos que tenham interesses individuais das demais pessoas, estas relações são fundamentais para os seres humanos evoluírem, onde constituem uma base importante para a formação da sociedade, uma vez que se não houver as relações criam-se as situações-problemas e concede margem para conceitos como: isolamento, depressão, preconceitos.

E são justamente por formar um conjunto das ações entre estudantes com necessidades educativas especiais e as demais pessoas que as relações sociais precisam ser incluídas no processo educativo, pois é muito importante que eles consigam se relacionar, criar uma afetividade e entender que é naquele ambiente onde aprenderá a encontrar caminhos para um futuro, construir conhecimento, compartilhar e receber informações, aflorar sentimentos e

desenvolver seu cognitivo, portanto para isto é interessante a construção de relacionamentos seja de modo afetivo ou em prol de um interesse individual para se desenvolver e aprender coisas novas.

Nesta conjectura é importante o papel do professor (a), uma vez que servirá de base para intermediar o estudante em um contexto diferente daquilo em que estava acostumado. O professor (a) será um facilitador na intenção de promover interações entre os estudantes em sala, utilizando propostas pedagógicas, atividades que visam à participação, colaboração, cooperação, trabalham em equipe, compartilhar, incentivando a socialização destes com os demais, contudo preparando os outros estudantes no entendimento de que o (a) colega precisará de um pouco mais de atenção, paciência e compreensão, para que se tenha uma sala que realmente coloca em pratica o sentido da inclusão.

É preciso que a/o professor (a) consiga intermediar este processo, com cuidado e atenção, onde necessita que seja compreendido pelos colegas que o estudante com transtorno do espectro autista deve ser tratado e respeitado assim como os demais, usufruir de todos os espaços escolares e participar de tudo o que faz parte do currículo escolar, claro se assim for sua vontade. Deixando-o à vontade em concretizar suas ideias e pensamentos mediante a pertinência das aulas e normas escolares.

Se pensarmos em um problema fundamental ou essencial nas pessoas com autismo, teremos a socialização como ponto de partida para todo o tratamento. Isso não significa que elas sejam, necessariamente, isoladas, não carinhosas ou agressivas. Enquanto algumas crianças podem ter dificuldade de linguagem e dificuldade para ler ou escrever, outras podem ter altíssimo funcionamento nessas funções. Enquanto alguns podem ser hipersensíveis a tecidos de roupas, outros podem não ter nenhuma sensibilidade sensorial alterada. Alguns podem ser isolados e outros excessivamente afetivos. (...). Hoje em dia, percebemos nitidamente que pessoas com traços de autismo estão na sociedade e podem ser divertidas e brilhantes. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 49-50)

Compreender esses padrões no comportamento, as alterações nos variados sintomas do espectro autista, possibilita viabilizar a socialização/interação do estudante com autismo no ambiente escolar, facilitando as relações também fora da escola, fazendo com que a evolução mesmo que de forma lenta aconteça a eles, tendo convicção de que com as habilidades sociais no processo de desenvolvimento não mais serão excluídos, isolados e sim incluídos, sujeitos atuantes em sua própria história.

Conhecer a fundo uma pessoa com autismo pode trazer um aprendizado especial para nossas vidas. Assim como um diamante precisa ser lapidado para brilhar, uma pessoa com autismo merece e deve ser acolhida, cuidada e estimulada a se desenvolver. Para isso, são necessárias ações motivadoras, de tal forma que ela sinta vontade de participar de atividades conosco, e que

sejam as pessoas com as quais ela realmente tenha prazer em estar e ficar. Essas são as primeiras etapas para que ela seja resgatada do seu mundo singular e estabeleça vínculos com as pessoas ao seu redor. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 6)

É preciso ações coletivas, visto que para trabalhar essa socialização demanda mudanças, adaptações desde o prédio escolar que necessita ser acolhedor, alegre e com estruturas adequadas para receber estes estudantes com suas especificidades, passando pelo trabalho pedagógico em que as metodologias precisam ser readaptadas para que todos possam desenvolver o ensino/aprendizagem ou que seja inserido como parte deste processo e não apenas um estudante que ocupa um lugar em sala e por fim as estruturas curriculares que precisa de mudanças para se adequar aos estudantes nas mais diversas necessidades educativas. Um fator importante em todo esse contexto é a capacitação e formação dos professores.

O trabalho que na escola estabelece impreterivelmente a ação. A ação move os corações bem mais do que as teorias. Não se constroem os movimentos de aprendizagem somente com a qualidade das nossas ideias, mas principalmente, com o valor das nossas ações. (CUNHA, 2019, p. 52)

Porém há grandes obstáculos ainda para se fazer uma educação inclusiva de qualidade e não é só a falta de recursos e materiais que é preciso para utilizar nas propostas pedagógicas, principalmente a falta de capacitação de professores para lidar com estes novos alunos, onde há uma fragilidade e dificuldade mediante ao ensino aprendizagem de estudantes com TEA. Vejamos o que diz o professor de Filosofia, Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais, Membro do Núcleo de Informação, Estudo e Pesquisa Aprendendo Down – Itabuna/BA, Joelson Alves Onofre:

(...). Realidade na qual os educadores se encontram e sentem-se, muitas vezes, despreparados quando a questão é trabalhar com alunos que têm algum tipo de deficiência. A dificuldade que sentimos quando nos deparamos com situações desse tipo revela nossa fragilidade diante do convívio com a “diferença”. Embora tenhamos a certeza de que nosso papel enquanto educador está sendo bem desempenhando e de que todo cidadão tem o direito de ter acesso à informação e ao conhecimento, ainda assim encontramos obstáculos que impedem de realizarmos um trabalho coerente com a nossa prática pedagógica. O medo do diferente e a incerteza quanto ao aprendizado de um aluno com necessidades especiais, impossibilitam o avanço de práticas de aprendizagens relevantes.

É possível compreender que se faz necessário grandes mudanças dentro das políticas públicas para oferecer uma educação digna a estes estudantes e oferecer segurança e capacitação aos docentes:

Observamos que os professores estudam e se instrumentalizam rapidamente quando há uma criança com necessidades especiais em suas salas, mas se desgastam e se angustiam com as frustrações causadas pela quebra da

expectativa que têm desses alunos. Muitos vão a congressos e aprendem técnicas novas, mas na hora de aplicá-las é bem diferente. Julgam-se, na maioria das vezes, pouco competentes e despreparados, o que faz com que desistam ou se sintam culpados. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 76-77)

Para que possam desempenhar seu papel no processo de ensino aprendizagem, bem como colaborar especialmente para que a interação dos estudantes possa fluir de forma eficaz, é preciso que o professor seja orientado, escutado e além de tudo ajuda por profissionais competentes e pais do estudante com transtorno do espectro autista, para que trabalhando juntos construam um caminho para a socialização, possibilitando um futuro digno e promissor a este estudante.

3.2. INTERAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO FAMILIAR DO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

A família é uma instituição que pertencemos e que tem a capacidade de influenciar o nosso comportamento em sociedade, também é responsável pela educação daqueles que compõem seu núcleo. A família tem papel importante no desenvolvimento dos seus entes, pois é através dela que aprendemos sobre valores morais e sociais, que são elos importantes para o processo de socialização. É relevante que no ambiente familiar haja afetos, proteção, confiança, segurança e harmonia, união, conforto e bem-estar para todos, tendo apoio também para que todos os problemas advindos sejam solucionados.

Os estudantes com transtorno do espectro autista necessitam de apoio incondicional dos pais e familiares, visto que afeta as áreas da socialização, comunicação e cognição, registra também alterações que vão do grau leve até o severo variando de pessoa em pessoa, portanto exige dedicação em longos períodos e cuidados mais extensos, mesmo com apoio de profissionais como terapeutas, fonoaudiólogos, psicopedagogos, neurologistas e psiquiatras, psicólogos, professores e cuidadores, os responsáveis pelo estudante ainda tem que disponibilizar o máximo de tempo para contribuir no desenvolvimento dele.

(...). Ter filhos e cuidar deles de forma verdadeira é um ato de amor que só tende a aumentar. Não sabemos dizer se um dia esse amor se estabiliza ou se tem fim, mas acompanhar o desenvolvimento de uma criança faz com que a gente cresça com ela e queira ser melhor por ela. Isso é impagável! (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 56)

Os pais, assim como a família do estudante diagnosticado com transtorno do espectro autista se deparam com uma situação familiar que precisa ser reajustada, visto que peculiaridades como a incapacidade de socialização, cognição exigem desta família uma

adaptação na maneira de cuidar, educar e criar esse estudante buscando cada dia melhorar o desenvolvimento e a qualidade de vida dele, mesmo que enfrente muitos desafios, pois cuidar de uma pessoa com autismo é realmente desafiador e requer muito amor, paciência e determinação de não desistir mediante as dificuldades que encontra ao longo do caminho. Quando esse estudante evolui em alguma coisa, é sempre uma grande conquista que não só ela, mas toda a família alcança.

Receber o diagnóstico de autismo é sempre impactante para os pais. A partir desse momento, brota um turbilhão de situações e emoções inesperadas no seio familiar: angústias, conflitos, frustrações, medos, inseguranças. A mãe, alvo de muitas críticas da sociedade, é a primeira a se culpar e achar que falhou no processo educacional. Isso ocorre, principalmente, porque durante décadas a fio profissionais despreparados apontaram a falta de interação das mães com as crianças como a causa do autismo. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 65-66)

O Transtorno do Espectro Autista tem grande impacto no contexto familiar por causa das peculiaridades, o que faz com que se torne necessário alterar toda a rotina da família, onde é preciso demandar tempo e cuidado em longo prazo de todo núcleo familiar, novas estratégias para que todos se ajustem a este estudante, o que acarreta muitas vezes estresse para alguns membros que não sabem lidar com as especificidades do transtorno e leva ao afastamento dos pais e familiares próximos ao estudante de ter uma vida social.

Ser pai de uma criança ou adolescente com autismo não é uma tarefa fácil, sem dúvida. Esse exercício diário requer muito mais zelo, paciência, persistência, fiscalização, disciplina, criatividade e aumento da estrutura familiar, com participação ativa de todos diretamente envolvidos (inclusive irmãos, babás e cuidadores). (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 66)

Por isso a importância do diagnóstico precoce que auxilia tratamentos no intuito de minimizar os efeitos prejudiciais dos sintomas e garantir uma vida confortável para a pessoa com o transtorno e seus familiares, desenvolvendo as habilidades sociais que dão suporte para uma vida mais autônoma, independente e com mais liberdade para ambos.

O acolhimento e a orientação para as famílias são fundamentais para que elas deixem de lado crenças errôneas, e não se desgastem com culpas desnecessárias e sem propósitos. Cuidar dos familiares, especialmente das mães, é tão importante quanto cuidar das próprias crianças. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 67)

Um dos grandes desafios encontrados pelos pais de um estudante com autismo é a sobrecarga emocional que vem com as dificuldades em postergar o diagnóstico, em lidar com esse diagnóstico, escasso serviço de saúde, falta de atividades educacionais e que permitem um lazer adequado, as finanças, visto que fica afetada por tratamentos adequados, por muitas vezes

com custo altos para trabalhar com a pessoa que tem o transtorno do espectro autista e que quase sempre vem ligado a outras síndromes exigindo um tratamento mais específico.

A ação integrada dos profissionais, professores e pais tem melhorado grandemente a qualidade de vida do estudante com o transtorno do espectro autista, pois as orientações e acolhimento não somente dedicada a ele, mas aos familiares reduziu a sobrecarga, estresse familiar e impulsionou maior interação entre o estudante e seus parentes, bem como por todos aqueles que o cercam, uma vez que com tratamento adequado é possível que a família coloque em prática todo o conhecimento acerca do transtorno, melhorando o desenvolvimento social do estudante e possibilitando que o mesmo tenha oportunidades de conviver em família e leve uma vida social ativa.

O grande "x" da questão para os pais, cuidadores e familiares não é só saber tudo sobre o autismo, mas estarem preparados para aprender diariamente aquilo que eles não sabem sobre a criança. Vê-la como realmente é, até que ela se sinta compreendida. Isto é que mantém o frescor do ensinamento cotidiano. Vocês se surpreenderão: ela tem muito mais a ensinar-lhes do que vocês a ela! (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 72)

É importante que o ambiente familiar seja reestruturado de forma a possibilitar um maior desenvolvimento ao estudante e que ele consiga sentir-se encaixado nesse ambiente, que seja parte dele, aprendendo não só os valores que o núcleo familiar ensina, mas a criar vínculos, sair do seu mundo e encontrar pelo menos parecido ao dele, adequado para estar inserido nele. Assim será motivado a interagir mais com outras pessoas até fora do seu contexto familiar, permitindo explorar cada vez mais suas habilidades sociais.

4. ADEQUAÇÕES CURRICULARES PARA O ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

A escolarização para o estudante com TEA é mais complexa do que a estudantes comuns, visto que são necessárias alterações em partes do currículo escolar para que atenda as especificidades de cada estudante, visto que este tem necessidades distintas, devendo priorizar sempre o currículo utilizado em sala e havendo ainda dificuldades que possibilite o ensino/aprendizagem, bem como o desenvolvimento cognitivo e a inclusão no sentido ideal, deverá ser pensada na flexibilização desse currículo e só esgotada estas possibilidades é que acontece uma adequação curricular.

Mittler (2003, p. 16) apud Cunha ET al., (2012, p. 7) refere como uma inclusão ideal:

A inclusão não diz respeito a colocar as crianças nas escolas regulares, mas a mudar as escolas para torná-las mais responsivas às necessidades de todas as crianças; diz respeito a ajudar todos os professores a aceitar a responsabilidade

quanto à aprendizagem de todas as crianças nas suas escolas e prepará-los para ensinar aquelas crianças que estão atual e correntemente excluídas das escolas por qualquer razão. (MITTLER, 2003. p. 16 apud Cunha, 2012, p. 7)

É preciso que as escolas realmente estejam convictas de que a inclusão não é apenas aceitar o aluno e colocar em uma sala regular, mas possibilitar a parceria de um ensino adequado, muitas vezes especializado e com currículo adaptado as necessidades educativas do estudante.

Contudo ensinar a um estudante com transtorno do espectro autista exige que o professor busque a cada dia rever ideias e metodologias para o desenvolvimento eficaz do estudante, uma vez que as particularidades de cada um precisam ser respeitadas, porém este aluno precisa atuar em sala, já que o mesmo é avaliado para o acompanhamento do seu desenvolvimento. Além de ter uma formação e capacitação o docente precisa ser orientado, acompanhado por profissionais e pais, para que juntos construam ações estratégicas para a evolução do estudante, uma vez que em sala a atenção não é possível apenas ao estudante com o transtorno e sim toda a turma. Dessa forma são importantes que aos estudantes com transtorno do espectro autista seja designado professores de apoio para reforçar o ensino/aprendizado em consonância as explicações da professora titular.

A educação inclusiva é uma prática inovadora que está enfatizando a qualidade de ensino para todos os alunos, exigindo que a escola se modernize e que os professores aperfeiçoem suas práticas pedagógicas. É um paradigma que desafia o educador a aprender mais sobre a diversidade humana a fim de compreender os diferentes modos de cada ser humano ser, pensar, sentir e agir (ROSA, 2005, p. 12)

O modelo educacional pautado na educação inclusiva revela a escola que prioriza seus educandos nas suas mais variadas diversidades, buscando incluir a todos sem exceção, por isso as instituições devem compreender e colocar em práticas as estratégias de uma nova metodologia e repensar seus currículos, readequando-os a esse novo modelo de educação. Cabe a equipe escolar e aos professores se aperfeiçoar constantemente para atender a esse novo público de aluno.

Segundo Powers apud Coll; Marchesi; Palacios & Cols (2004), a metodologia para estudantes com transtorno do espectro autista deve obedecer alguns critérios como: ter estrutura e se basear em conhecimentos que são desenvolvidos por modificar condutas; apresentar evolução e adaptação às características de modo pessoal de cada aluno; ter uma função e definição de maneira explícita dos sistemas para uma generalização; que envolva a família bem

como a comunidade e seja de grande intensidade, também precoce. Os autores ainda colocam como fundamental para a aprendizagem as seguintes normas:

Assegurar a motivação, apresentar as tarefas somente quando a criança atende, e de forma clara; apresentar tarefas cujos requisitos já foram adquiridos antes e que se adaptam bem ao nível evolutivo e às capacidades da criança, empregar procedimentos de ajuda e proporcionar reforçadores contingentes, imediatos e potentes (COLL; MARCHESI; PALACIOS & COLS, 2004).

Para que essas normas funcionem é preciso que haja uma organização que compete às redes de apoio para com a escola desde os profissionais de saúde, a capacitação para as pessoas que estarão em contato com o estudante, o planejamento de programas adequados e uma aprendizagem cooperativa que visa uma participação e o trabalho em equipe de gestores, professores, pais, valorizando o ensino/aprendizagem de maneira que os estudantes desenvolvam suas habilidades e potencialidades.

A escola tem um compromisso com o desenvolvimento dos sujeitos. Nos processos inclusivos vinculados a esses princípios, reside uma grande preocupação com a construção de materiais e a implementação de metodologias de ensino que venham a produzir uma aprendizagem individualizada, levando em consideração as necessidades específicas dos sujeitos, suas potencialidades e desafios. Porém, grande parte das discussões realizadas é centrada nas metodologias de ensino. A inclusão é tomada como algo natural, como se ela estivesse, desde sempre, aí no mundo (HATTGE; KLAUS, 2014, p. 329)

A escola não tem função de educar, sendo esta a responsabilidade dos pais, mas sim de ensinar e prover ao estudante recursos que possibilitem o seu desenvolvimento mediante ao ensino/aprendizagem, bem como trabalhar suas habilidades sociais e cognitivas, como: material didático conforme as particularidades do estudante, diversidade de metodologias, trabalho individualizado e especializado que ficarão a cargo do Atendimento Educacional Especializado (AEE), mudar as estruturas de turmas mais homogêneas incentivando a construção do processo interativo entre os estudantes e utilizar os recursos tecnológicos em função de aprimorar cada vez mais o planejamento das aulas, promovendo um ensino mais interativo, buscando ajudar na comunicação e melhorar a qualidade de vida do estudante, uma vez que na escola ele será cada vez mais independente ou de certa forma evoluirá em seu desenvolvimento.

A educação inclusiva ainda se prefigura um grande desafio na atualidade, tanto para a escola, que historicamente caracterizou-se por uma educação voltada a atender e desenvolver um grupo privilegiado da sociedade, quanto para o docente que tem nas mãos o compromisso de assegurar a todos o acesso à vasta gama de oportunidades educacionais e sociais que a escola oferece. (CARVALHO, 2004, apud SEED, 2008, p. 6)

Por isso é importante essa rede de apoio para que os educadores consigam executar seu trabalho de forma eficiente e assegure essas vastas oportunidades para que este estudante possa realmente estar em sala e aprender.

Sabendo que é preciso uma sensibilidade do professor mediante as atividades, bem como dos colegas para a inclusão do estudante com transtorno do espectro autista, é necessário que o professor tenha uma relação próxima com a família e profissionais, uma vez que o acompanhamento deste é em longo prazo e para contribuir com seu desenvolvimento o professor precisa de orientações e ser também acompanhado, principalmente se for o responsável por orientar o estudante. É relevante e de grande ajuda para o docente que a escola organize um currículo adequado para atender as necessidades deste estudante.

Adequação curricular é:

O conjunto articulado de procedimentos pedagógicos didáticos que visam tornar acessíveis e significativos, para os alunos em situações e contextos diferentes, os conteúdos de aprendizagem propostos num dado plano curricular. (ROLDÃO, 1999, p. 58)

A elaboração é complexa e por isso é necessária a colaboração dos docentes que pertencem ao mesmo nível educativo do estudante com o transtorno, que estejam contidos em uma mesma área de disciplinas e que são inseridos no conselho da educação especial. O currículo precisa ser reorganizado a partir das particularidades de cada contexto e que seja adequada para atender as mais diversas necessidades no ambiente escolar, como forma de orientar os docentes em meio às necessidades de cada estudante. Pacheco (2001), fala sobre três níveis que servem de base curricular: contexto político-administrativo (administração central), contexto de gestão (administração regional e local) e contexto de realização (sala de aula). Pensar algumas estratégias como a metodologia no ensino, garantir os níveis e a intensidade no que compete aos apoios, ter recursos para o ensino e pensar nas adequações curriculares individuais são passos importantes e relevantes quanto à escolarização de estudantes com transtorno do espectro autista. Fato é que a escola tem que se adaptar ao estudante e não ele se adaptar a escola.

Porém o que acontece muitas vezes é a simplificação de currículos já existentes, cortando objetivos e conteúdos complexos, desenvolvendo apenas um currículo pautado na socialização do estudante, onde o sentido de inclusão fica apenas na socialização. Porém ao se adequar um currículo que busque atender o desenvolvimento do estudante, a escola estará priorizando o aprendizado dele de acordo com a necessidade específica que obteve de seu diagnóstico. Mas em sua grande maioria as escolas utilizam currículos comuns em que não permitem o acesso de explorar as potencialidades dos estudantes. É preciso utilizar estratégias

que os faça interagir com o conhecimento, mas que atenda às suas necessidades e desenvolva o aprendizado:

(...) no plano da **concepção**, pela resposta às questões: como vou organizar a ação e porquê, tendo em conta o para quê e o para quem? A um segundo nível, instrumental, operacionaliza-se respondendo à questão - Com que meios, atividades, tarefas, em que ordem e porquê? (ROLDÃO, 2009, p. 29)

As adequações curriculares vão desde pequenas mudanças no currículo até uma modificação completa dependendo de cada estudante e suas necessidades. Essas pequenas modificações as quais podem ser vistas como de pequeno porte são promovidas pelo professor, onde esta ação que é de responsabilidade e exclusividade do docente permite e promove a participação do estudante com transtorno do espectro autista no processo de ensino e aprendizagem juntos aos colegas da sua mesma faixa etária.

Estas modificações podem ser implementadas em vários âmbitos: ao acessar o currículo, objetivos de ensino (priorizar objetivos adequados a cada necessidade, possibilitar alternativas variadas de ensino, complementar os objetivos que já existem no currículo adequando as particularidades do estudante), conteúdo a ser trabalhados (priorizar os tipos, as áreas, reformular se preciso a sequência a ser estudada, assim como também eliminar aqueles sem relevância para aquilo que o estudante necessita), metodologia (é importante se atentar ao fato de que cada aluno aprende de forma diferente, então é necessário buscar e ensinar estratégias que atendam as características e necessidades dos estudantes), avaliação (utilizar diferentes técnicas e instrumentos) e na questão da temporalidade que é de uma grande importância pensar no tempo que será disposto para as atividades e conteúdos trabalhados em sala, para que todos possam participar e construir seu conhecimento. As modificações de grande porte, ou seja, que requer uma mudança significativa é de responsabilidade de uma instância político-administrativa

O maior desafio para o docente é trabalhar as estratégias pedagógicas, pois estudantes com transtornos do espectro autista muitas vezes não acompanham os conteúdos ministrados em sala, porém a escola que adequa seu currículo tem condições de prover ao estudante atividades diferenciadas, mas que esteja em consonância ao conteúdo em sala.

As estratégias de ensino devem buscar promover a inclusão, proporcionando atividades que incentivem a cooperação, trabalho em grupo, situações que de formas diversas tenham um sentido para a aprendizagem, autonomia, que o estudante possa trabalhar a responsabilidade do seu tempo para fazer a atividade e assim progredir em sua aprendizagem. Estratégias de ensino em que o estudante tenha a sua disposição materiais individualizados e faça sua própria monitoração ou que pelo menos seja o intuito da estratégia a auto monitoração, ajuda nas

realizações das atividades e no ensino/aprendizagem do estudante. É importante buscar e propor a heterogeneidade na sala de aula e priorizar sempre a coletividade, com trabalho em equipe, dupla, grupo, enfim que o estudante possa sentir que faz parte daquele contexto.

É importante que, na medida do possível, o aluno seja o ajudante do professor em pequenas tarefas, tal como entregar folhas aos coleguinhos, pronunciando o nome de cada um. Mesmo que, para isso, seja preciso pegar em sua mão e realizar a atividade junto com ele. É fundamental que ele receba o máximo de dicas possíveis para que a tarefa seja bem-sucedida. Ele se sentirá acolhido, valorizado e mais integrado. A disposição de carteiras em duplas também é um caminho eficaz. Assim, o aluno com autismo poderá estabelecer contato mais estreito com o colega ao lado e receber ajuda quando não entender algo. Ensinar a turma a ter um trabalho cooperativo é interessante para todos e ajuda em muito o aluno com autismo. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 81)

O docente que ensina ao estudante com transtorno do espectro autista precisa utilizar a metodologia de maneira que em relação aos conteúdos se utilize uma linguagem clara, objetiva e que apresente um vocabulário simples, pois as dificuldades na linguagem do estudante fazem com que a formalidade não tenha efeito, de modo que não aprenderá o conteúdo. É interessante trabalhar as atividades de acordo com temas que são de interesses do estudante, aprofundando assim a relação de professor e aluno. Os materiais precisam ter um contexto visual e concreto, onde esse estudante possa sentir aquilo que está sendo transmitido, ter uma rotina para facilitar o cotidiano em sala, ajudando a desenvolver sua autonomia e o mais importante em todo o contexto dessa metodologia: motivar o estudante incentivar a completar as atividades, ser participativo e ter sempre o cuidado de nunca deixar ele excluído ou se excluir.

Não podemos perder de vista as reais potencialidades e limites da criança. Por isso, é preciso sempre elaborar um programa educacional específico para cada uma delas. Procure trocar ideias, pergunte como pode ajudá-la, certifique-se de que ela compreendeu o que você quis dizer e repita quantas vezes forem necessárias, de forma tranquila e afetuosa. [...]. A criança nunca pode associar o aprendizado a algo aversivo, mas sim a algo prazeroso e positivo. É claro que não existe uma fórmula mágica no trato com alunos com autismo. Tudo requer tempo, persistência e muita dedicação. Mas não restam dúvidas de que, além dos pais, o desenvolvimento dos pequenos depende, e muito, das instituições de ensino. Esses fatores, em conjunto, podem garantir um futuro menos caótico e uma vida mais harmoniosa e produtiva. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 88-89)

Segundo Carlo (2001, p.75): “(...). Não se procura ensiná-lo a pensar, pois se acredita que a esfera das funções psicológicas superiores lhes é inacessível”, sendo justamente esse pensamento que dificulta a atuação pedagógica, pois a escola necessita mudar a percepção de atividades mecânicas e trabalhar com base nas habilidades que precisam ser desenvolvidas como a motora, a percepção e desenvolvendo assim não só habilidades como o pensamento, a cognição.

Mas para ensinar ao estudante com transtorno do espectro autista é preciso que o docente tenha em mente que além da capacitação e formação para possibilitar a aprendizagem de forma eficaz do estudante, requer preparação para lidar com o inesperado cotidianamente, visto que ao lado deste estudante todos os dias é um novo aprendizado, uma nova lição ensinada, fazendo com o docente desempenhe a cada dia um excelente trabalho ao compreender que pode transformar a vida do seu aluno, permitindo que este tenha uma evolução no desenvolvimento social, comunicativo e cognitivo, além da aprendizagem, que de alguma forma pode se tornar mais independente e conquistar uma profissão.

Contudo é necessário salientar que o docente precisa ter consigo uma rede de apoio e que os currículos sejam adequados para trabalhar com este estudante e que a escola ofereça suporte para que a educação possa de fato acontecer em sua forma inclusiva. É essencial também que o docente esteja sempre atento ao estudante, seja criativo e utilize sempre a avaliação para que se identifique o que precisa de ajuste para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem de cada estudante, dando prioridade aqueles com necessidades educativas especiais, como o estudante com transtorno do espectro autista.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“Ao analisar um fato, o conhecimento científico não apenas trata de explicá-lo, mas também busca descobrir suas relações com outros fatos e explicá-los” (GALLIANO, 1986, p. 26). Por isso é de fundamental importância os procedimentos metodológicos, uma vez que é através destes que se obtêm subsídios para buscar os resultados prováveis ou não de uma pesquisa. Nesta pesquisa estes procedimentos serão dispostos dessa forma: tipo de pesquisa, campo empírico, sujeitos da pesquisa, instrumentos para coleta de dados e cronograma de execução.

5.1. TIPO DE PESQUISA

Pesquisa de campo, no intuito de entender como uma escola na zona urbana do município de Taperoá que tem o maior número de estudantes com transtorno do espectro autista matriculados em sua instituição trabalham os conceitos propostos no tema, utilizando assim o estudo de caso que é uma das estratégias da pesquisa qualitativa.

A essência de um estudo de caso, a tendência central entre todos os tipos de estudo de caso, é que ele tenta iluminar uma decisão ou um conjunto de decisões: por que elas são tomadas, como elas são implementadas e com que resultado. (SCHARAMM, 1971 apud YIN, 2005, p. 25)

Esse estudo possibilita o pesquisador compreender a problemática a que o trabalho se refere, além de permitir a análise de maneira significativa do objeto de estudo, investiga e reflete contextos que são reais e contemporâneos para que possa propor um novo caminho ou alternativa para aquilo que se está sendo investigado. Surge das questões “como” e por que”. Requer de o pesquisador ter uma visão sensível e habilidade na interpretação de recorrências do objeto de estudo, ser ético e transparente em cada uma das etapas (questões do estudo, proposições teóricas, unidades de análise, lógica que une os dados as proposições e critérios para interpretar o que se descobriu). Será feito com professores, gestores e pais no intuito de compreender e desenvolver melhor a pesquisa.

A pesquisa terá um enfoque qualitativo, ou seja, o foco será na subjetividade do objeto de estudo. Segundo Bogdan e Biklen (1997, p. 67), para a investigação qualitativa, “o objetivo principal do investigador é o de construir conhecimentos e não dar opinião sobre determinado contexto”. Explorar seus resultados a partir daquilo que será levantado no estudo de caso, através de entrevistas semiestruturadas (já preparadas pelo pesquisador para os participantes, flexível para acrescentar novos questionamentos que muitas vezes possa surgir ao longo da entrevista). Bogdan (1982 apud TRIVIÑOS, 1987, p. 128-130) destaca que:

- 1º) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave;
- 2º) A pesquisa qualitativa é descritiva;
- 3º) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto;
- 4º) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente;
- 5º) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa [...].

Até porque seria impossível ver e quantificar um número grande de escolas, (visto que seria necessário muito tempo e um número maior de pesquisadores) também será exploratória, com fundamentações de autores através de pesquisa bibliográfica já que é necessário explorar bem o tema, para que as informações sejam passadas de formas precisas.

5.2. CAMPO EMPÍRICO

A pesquisa promove compreender e auxiliar na questão de analisar como são promovidas as estratégias de socialização e adequações curriculares para o estudante com transtorno do espectro autista, por professores, gestores e pais no ambiente escolar em consonância ao ambiente familiar, de uma forma geral, uma vez que o estudante precisa de auxílio mediante as necessidades educacionais especiais. A escola regular por ter a inclusão em seu sistema educacional necessita de ajuda para possibilitar o ensino e aprendizagens deste

estudante, visto que ainda há muito problema no sentido de inclusão em sua forma de realmente acontecer, de modo que o estudante possa estar inserido e participar de tudo o que diz respeito ao contexto escolar construindo sua aprendizagem, socializando e interagindo com os demais estudantes. Então através do conhecimento de professores, gestores e pais, bem como em minha rotina no cotidiano escolar sendo apoio de um estudante com transtorno do espectro autista, foi desenvolvida essa pesquisa no intuito de ajudar não só a escola onde atuo, mas as demais do município.

5.3. SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa será destinada a 3(três) professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental (3º, 4º e 5º ano) respectivamente relacionadas suas falas na ordem 1, 2 e 3(a professora 3, do quinto ano que tem experiência com o transtorno do espectro autista) 2(duas) gestoras(sem experiência com o transtorno do espectro autista, visto que é o primeiro ano em que a escola recebe um grande número de estudantes com o transtorno), 1(uma) professora de apoio(também tem experiência com a educação inclusiva e o transtorno do espectro autista) e pais de um dos estudantes com transtorno do espectro autista, de faixa etária de 9 anos, visto que outros não quiseram ou puderam participar. Sendo a pesquisa em classes pequenas que apresenta pelo menos um estudante com o transtorno do espectro autista. A observação participante foi relacionada a três estudantes com transtorno do espectro autista com faixa etária de 7, 9 e 11 anos.

5.4. INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada através de observação participante (observadas quando a escola estava ainda em funcionamento, com aulas presenciais); legislação visto que foi preciso fundamentar a pesquisa de acordo com as leis que atuam dentro da educação inclusiva, principalmente no que diz respeito ao Transtorno do Espectro Autista; pesquisa bibliográfica com autores que escreveram sobre o tema, onde serviram de base para uma melhor fundamentação da pesquisa; estudo de caso através de entrevistas semiestruturadas, já preparada pelo pesquisador para os sujeitos. Foram concedidas de modo virtual, para uma maior comodidade dos sujeitos, visto que estamos passando por uma pandemia e é inviável o encontro pessoal.

As entrevistas têm como possibilidade:

A vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela nos permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34).

Sendo semiestruturada, a entrevista permitiu uma flexibilidade, em que apesar de obedecer a um roteiro, pôde-se incluir novos questionamentos, permitindo uma interação mútua entre o pesquisador e o entrevistado, o qual acrescentou-se mais dados para a construção da pesquisa e conhecimento sobre o tema, assim delimitando um volume de informações, mas promovendo uma maior direção para o tema, com a finalidade de que fossem alcançados os objetivos.

6. ANÁLISES E DISCUSSÕES DE DADOS OBTIDOS COM A PESQUISA

Esse capítulo da pesquisa tem como objetivo utilizar os dados coletados para enriquecer a pesquisa, convertendo esses dados em objetos a serem analisados. Assim as entrevistas foram realizadas por meio virtual, uma vez que estamos em meio a uma pandemia. Sendo assim mediante a entrevista possível identificar, esclarecer o problema da pesquisa, bem como alcançar os objetivos da mesma que é de fato saber como professores, pais e gestores promovem as estratégias de socializações e adequações curriculares para o estudante com TEA.

6.1. DESVENDANDO A INCLUSÃO

Na primeira parte da entrevista buscou-se compreender quais as dificuldades encontradas em se promover a educação inclusiva, visto que esta educação deve incluir e atender as necessidades educativas especiais de cada estudante com TEA.

Não é fácil estimular e ensinar uma pessoa TEA devido a sua atenção e concentração, sendo estas as dificuldades que encontro, mas tenho todas as orientações necessárias para promover a educação do nosso filho em casa. Orientações essas realizadas pelos profissionais que o acompanham neurologista, psicólogo, fono e psicopedagogo. **(Pai)**

A própria necessidade do estudante na maioria das vezes é a maior dificuldade encontrada. **(GESTORA 1)**

Formação continuada para os profissionais da educação, bem como limitação de recursos didáticos pedagógicos. **(PROFESSORA 1)**

Trabalhar com a educação inclusiva é um desafio, pois a falta de formação nessa área falta de recursos e sala superlotada dificulta uma melhor interação e uma aprendizagem mais significativa. **(PROFESSORA 2)**

Com base nestas respostas é possível analisar que ainda há grandes dificuldades em promover uma educação inclusiva: pela falta de formação e recursos como relata as professoras, falta de estímulos como atenção e concentração como relata a mãe, enquanto que para a escola (representada pelas gestoras) o maior desafio é a necessidade do estudante, que dificulta o processo da inclusão, onde se vê que a perspectiva é de um modelo médico e a centralidade das questões é na própria deficiência do estudante. Segundo Mantoan (2005):

Inclusão é a nossa capacidade de entender e receber o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência física, para os que têm comportamento mental, para os superdotados, e para toda criança que é discriminada por qualquer outro motivo. Costumo dizer que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já inclusão é estar com, é interagir com outro. (MANTOAN 2005) citado por (Sá ET AL, 2017 pg. 384)

Sá (2017), em seu estudo sobre a autora Mantoan (2005), considera a importância da inclusão, a convivência com pessoas que muitas vezes são tão diferentes de nós, porém são essas diferenças que têm grande relevância para a valorização e o respeito às diferenças, incentivando assim a inclusão de todos. Relata ainda a diferença sobre o sentido da inclusão e o que de fato é a educação inclusiva. Na verdade, as dificuldades estão em justamente conseguir entender o papel da educação inclusiva que é o de acolher sem excluir, transformar a escola visando à adequação de ambientes que atendam às necessidades dos estudantes, bem como a preocupação com aspectos da socialização até o currículo.

No campo da educação, a inclusão envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola. Isto inclui o currículo corrente, a avaliação, os registros e os relatórios de aquisições acadêmicas dos alunos, as decisões que estão sendo tomadas sobre o agrupamento dos alunos nas escolas ou nas salas de aula, a pedagogia e as práticas de sala de aula, bem como as oportunidades de esporte, lazer e recreação. (MITTLER, 2003, p. 25)

Mittler (2003) propõem que haja uma reestruturação escolar como uma das formas de introdução a educação inclusiva, e que essa reestruturação se faça em todo o contexto escolar desde a própria estrutura predial até o currículo adequado a cada estudante, atendendo as suas necessidades educativas. Em todo o caso, independente das diferenças, professores, pais e gestores devem ou deverão estar unidos, em prol de uma melhor qualidade de vida e desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos estudantes.

6.2. ESTRATÉGIAS DE SOCIALIZAÇÃO

Na segunda parte da entrevista colocou-se em evidência o processo de socialização do estudante com transtorno do espectro autista, visando de que forma é promovida, sabe-se que o Transtorno do Espectro Autista é uma junção de sintomas que impacta o desenvolvimento de uma pessoa, alterando principalmente três áreas: socialização, linguagem/comunicação e o comportamento, porém o campo mais prejudicado são as habilidades sociais, por isso a importância do diagnóstico precoce, uma vez que os tratamentos poderão a minimizar as dificuldades impostas pelo transtorno. Por isso que promover a socialização e as habilidades sociais é fundamental para o estudante e a convivência com os outros alunos:

[...] se torna benéfico na medida em que representa uma inserção de fato no universo social e favorece o desenvolvimento e a aprendizagem, permitindo a formação de vínculos estimuladores, o confronto com a diferença e o trabalho com a própria dificuldade. (BRASIL, 1998, p. 35)

Essa compreensão de que a formação de vínculos é forte estimuladora no processo de socialização traduz a eficácia de permitir que o estudante esteja inserido em sala regular, pois a convivência permite a facilidade da interação promovendo o desenvolvimento da aprendizagem e que mesmo em meio aos confrontos de diferenças e o trabalho para superar os desafios e dificuldades, está inserido na mesma sala com outros alunos trará benefícios ao estudante com o transtorno do espectro autista. Vejamos o que dizem as professoras entrevistadas em relação ao processo da socialização:

Sabe-se que a escola é peça fundamental no processo de socialização para o estudante com necessidades educativas especiais, de que forma você(s) promovem esta socialização?

Professora 1	Estimulando o envolvimento do educando com o restante da turma na realização de tarefas, jogos e brincadeiras, fazendo rodas de conversas sobre o respeito às diferenças.
Professora 2	Desenvolvendo um olhar crítico sobre minhas ações, despertando a conscientização de todos os alunos sem preconceito e desenvolvendo atividades lúdicas para que haja uma boa socialização.
Professora 3	Buscamos sempre incluir o aluno, inserido eles em todas as atividades que a escola realiza, seja em momentos classe como também

	extraclasse, encorajando a superar todos os desafios.
Professora de apoio	Através de diálogo e práticas educacionais

O que se percebe, a partir de observação do aluno em sala (observação participante antes da pandemia), é que há certo receio quanto ao fato de promover verdadeiramente essa socialização, justamente pela falta de apoio adequado aos professores, que lhes dariam segurança e confiança para educar/ensinar o estudante com autismo. Por exemplo, a professora de apoio trabalha esse processo com diálogo e práticas educacionais, porém o estudante com o espectro autista necessita de meios, por vezes diferentes para ser socializado e é claro que apenas esses dois conceitos (diálogo e prática educacional) não servirão de fato apenas as professoras 1, 2 e 3 chegaram a realmente desenvolver essa socialização, pois é de extrema importância para este estudante interagir com os demais colegas através das rodas de conversas, da ludicidade em que, por exemplo, uma brincadeira ou jogo abre espaço para inserir/incluir este estudante com os demais em sala, **assim diminuindo o preconceito**, fazendo com que a socialização aconteça e que todos aprendam a conviver e respeitar as diferenças. Outro ponto interessante é o da professora 3 que enfatizou sobre encorajar o estudante a superar todos os desafios, isto é, de fato importante, pois com esse apoio conseguirá sentir-se capaz de cumprir qualquer atividade e conseqüentemente ter confiança, autonomia, pela maneira de que assim como seus colegas ele desenvolveu tudo o que lhe foi proposto.

“As crianças com autismo não escolhem ficar sozinhas, mas a falta de habilidades sociais as mantém distantes das outras, entretidas no seu mundo, sem demonstrar desconforto” (SILVA, GAIATO, REVELES 2012, p.13). Como os autores deixam claro é a falta das habilidades sociais que leva o estudante com autismo a ficar em sua zona de conforto, no seu mundo, mas também é fato que o professor deve sim ter essa sensibilidade de encorajar seu aluno a ter contato com os demais colegas, desenvolver sempre atividades que visam à participação de grupos, para que possam compreender que não é necessário ficar sozinho, que os colegas precisam dele para fazer as atividades, incluindo-o em tudo o que for possível assim a ele fazer, pois bem sabemos que cada necessidade educativa precisa ser atendida de uma forma.

Do ponto de vista dos pais a socialização dentro do contexto familiar é promovida no brincar, interação com os membros familiares.

Pais, responsáveis, irmãos e funcionários domésticos precisam seguir a mesma orientação com aquela criança, ou seja, agir de maneira igual diante dos comportamentos e obstáculos diários, para que ela tenha um bom desenvolvimento. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p.68)

Os autores Silva, Gaiato e Reveles (2012), destacam a importância de seguir orientações rotineiramente, por parte dos membros familiares, para assim conseguir que de algum modo o ente com TEA se desenvolva. Essas rotinas as quais são necessárias para o estudante com TEA levam-no a desenvolver contatos sociais, e como os pais deram exemplos, sim de alguma forma o brincar é um elo de interagir com os outros a sua volta.

Já para a escola esse processo ocorre da seguinte maneira: “Através de projetos, eventos, articulando-se com as famílias para que trabalhem em parceria. ” (GESTORA 1); “Através de reuniões e atendimentos com a psicóloga e muitas conversas com a assistente social em que buscamos juntos estratégias e melhores formas para trabalhar essa socialização”. (GESTORA 2).

O ingresso na escola é um marco importante no desenvolvimento das crianças. Não apenas para o aprendizado em si, mas também pelo desenvolvimento social e pela formação do ser humano como um todo. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p.74).

É importante perceber esse papel da escola, como formadora do desenvolvimento humano em todo o seu contexto, como deixa evidente Silva, Gaiato e Reveles (2012) na citação acima, por isso é importante que professores pais e gestores trabalhem em consonância para que ocorra a socialização de uma forma eficaz, onde culmina para que a interação social ocorra dentro e fora da escola de uma maneira harmoniosa, levando-os a evoluírem mesmo que de forma lenta no desenvolvimento das habilidades sociais, fazendo com que a partir disto o estudante com transtorno do espectro autista não se sinta excluído e que possa cada vez se tornar independente, bem como desenvolver cotidianamente a sua maneira de interagir com seus semelhantes.

Quando comparamos as estratégias de socializações entre professores e pais vemos certa familiaridade quanto ao fato de levar em conta o brincar dito pelos pais e o incentivo as atividades escolares em grupos, visando metodologias que abrangem os jogos e as brincadeiras como benefícios para o estudante com transtorno do espectro autista começar a ter um contato social e interagir com os colegas ditos por algumas das professoras, quanto à escola essa socialização acontece de forma parcializada, pois é comum que em projetos (estes observados antes da pandemia), eventos raramente estudantes com deficiências participem inclusive isto é um dos grandes desafios encontrados por estes estudantes na escola.

6.3. COMPREENDENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro Autista caracteriza-se por um conjunto de distúrbios no desenvolvimento neurológico e apresenta déficits de comunicação, interação e comportamento, afetando o desenvolvimento intelectual, fazendo com que a pessoa com transtorno do espectro autista apresente padrões estereotipados e repetitivos. Quando perguntados de que forma compreendiam o transtorno, os sujeitos da pesquisa apresentaram pontos de vista bem diferenciados e que por vezes distantes do real sentido, apenas alguns responderam de forma conclusiva:

Professora 1	Infelizmente, não tenho conhecimento acadêmico sobre o TEA, o que torna um desafio o planejamento de aulas para alunos com esse tipo de transtorno, no entanto, busco ler alguns artigos e peço orientação a colegas que já trabalharam ou trabalham com educandos com TEA
Professora 2	Existem vários graus, com intensidade dos sintomas maior ou menor, alguns enfrentam dificuldades na aprendizagem, na interação social, enquanto outros podem ter uma vida aparentemente normal.
Professora 3	Um transtorno do neuro desenvolvimento, que apresenta algumas características no desenvolvimento social, cognitivo e emocional.
Professora de Apoio	O modo como agir e interagir e dificuldade em socializar.
Mãe	Um transtorno complexo que apresenta uma variedade de característica que interfere na comunicação, interação e socialização da pessoa TEA. Mas bem estimulada tem um bom desenvolvimento.
Gestora 1	O TEA é compreendido como uma dificuldade no comportamento social do estudante, o que vem a limitar sua interação com a sociedade.
Gestora 2	A escola compreende a TEA como um transtorno que necessita de cuidados específicos e que com ajuda de profissionais adequados, a escola juntamente a família, o estudante com TEA consegue desenvolver suas habilidades sociais e cognitivas.

É realmente necessária que a escola possibilite a capacitação e formação de professores para desenvolver o ensino e a aprendizagem do estudante com transtorno do espectro autista, é possível observar que a escola em si também apresenta dificuldades em realmente compreendê-lo, o que aumenta ainda mais os desafios em trabalhar com o estudante, pois além da falta de

suporte e recursos didáticos como já mencionados por professores, existe claro uma equipe de profissionais (psicóloga, assistente social e Atendimento Educacional Especializado), mas falta um olhar mais humanizado para atender aquilo que o estudante necessita além dos cuidados práticos.

Marinho (2018, pg. 17) em sua análise referida a autor Sage (1999) faz uma análise entre o gestor escolar e a educação inclusiva, e reconhece que a prática dessa educação requer alterações importantes nos sistemas de ensino e nas escolas.

O gestor é parte importante para se fazer uma educação inclusiva, como analisa Marinho (2018) quando cita Sage (1999), já que é a gestão a responsável por alterar questões relativas à escola, incluir projetos, eventos, compartilhar ideias e conhecimento com o corpo docente, além de ser o elo de comunicação entre o sistema educacional e a equipe escolar, porém a gestão escolar precisa conhecer bem seus alunos para que assim possibilite e desenvolva estratégias para um ambiente escolar que atenda seus educandos de forma realmente inclusiva.

A inclusão não diz respeito a colocar as crianças nas escolas regulares, mas a mudar as escolas para torná-las mais responsivas às necessidades de todas as crianças; [...]. (MITTLER, 2003, p. 16 Apud Cunha ET AL., 2012, p. 7)

Quando Cunha cita Mittler (2003), é justamente para enfatizar que a escola precisa se adaptar a cada estudante e suas necessidades especificam e não apenas que o estudante seja inserido no ambiente escolar, onde ele por si só se adapte à escola ou que atue como apenas espectador de uma história. E isto de forma nenhuma pode acontecer, uma vez que inclusão e educação voltada à inclusão têm significados distintos, embora trabalhem em um mesmo intuito.

Acreditamos que a escola pode e deve ser um espaço de formação ampla do aluno, que aprofunde o seu processo de humanização, aprimorando as dimensões e habilidades que fazem de cada um de nós seres humanos. O acesso ao conhecimento, às relações sociais, às experiências culturais diversas podem contribuir assim como suporte no desenvolvimento singular do aluno como sujeito sociocultural, e no aprimoramento de sua vida social. (DAYRELL, Juarez, 2001, p. 161)

Juarez Dayrell (2001) acredita que a escola forma o aluno em todo seu contexto enquanto ser humano, que as habilidades, conhecimento e desenvolvimento adquiridos com a escola fazem com que este atue como sujeito dentro do contexto social e cultural, além da construção de todo o desenvolver de uma vida melhor. E realmente a escola inclusiva deve ser voltada ao processo de humanização dos seus alunos.

6.4. ASSIDUIDADE, RENDIMENTO E DESEMPENHO ESCOLAR DO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Em outra parte da entrevista os professores confirmaram que os estudantes com o transtorno do espectro autista são assíduos em sala e quando faltam apresentam motivos justos para a falta, que ao primeiro contato eram tímidos e chegam sempre acompanhados de seus responsáveis, infelizmente os dias de aulas presenciais foram poucos devido à pandemia, para que de fato tivessem tempo de promover as relações sociais mais profundamente, mas tinham de algum modo iniciado o desenvolvimento da socialização, passo importante para a inclusão do estudante no ambiente escolar, bem como a construção da sua autonomia. Acrescentaram ainda que o rendimento escolar depende muito da área do conhecimento a ser trabalhada e das habilidades cognitivas do estudante, o que pode variar de regular a excelente, além do que cada estudante com autismo traz uma característica diferente, o que denota comportamentos e reações diferentes em cada um.

O desempenho escolar das crianças com autismo depende muito do nível de acometimento do transtorno. As crianças com um nível mais grave de autismo podem apresentar atraso mental e permanecer dependentes de ajuda. As crianças com autismo leve ou somente com traços autísticos, na maioria das vezes, acompanham muito bem as aulas e os conteúdos didático-pedagógicos. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p. 75)

A professora 3 expressou bem este pensamento dos autores quando em sua fala expõem: “quanto ao aluno autista de grau leve o desempenho escolar é bem satisfatório, de em consonância com a sua idade, já os que apresentam um grau elevado desenvolvem de maneira mais lenta. ” E é dessa forma que o estudante precisa ser visto quanto ao desempenho escolar, levando em conta as suas especificidades.

O professor deve ter consciência de sua importância como mediador e compreender que cada criança dentro de sala de aula se desenvolve, amadurece e aprende de forma particular, ou seja, atinge expectativas de aprendizagens únicas e que a todo tempo deve ser valorizada e estimulada a atingir níveis cada vez mais elevados. (SILVA ET AL 2019 pg. 157) em seu estudo sobre o Autor (VYGOTSKY, 1978)

O autor Vygotsky (1978), citado por Silva (2019) leva-nos a compreensão de que o professor é como uma base para o desenvolvimento e entendimento de cada criança, sendo também dos professores, ou melhor, cabendo a eles serem responsáveis pelas conquistas, os avanços e cada momento de reconhecimento do estudante.

6.5. HABILIDADES INTERATIVAS PARA O ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Quando questionadas sobre que ou quais estratégias são utilizadas para promover as habilidades interativas e cognitivas do estudante com TEA no cotidiano em sala de aula obtiveram respostas diversificadas, porém bem práticas mesmo.

Professora 1	Rodas de conversa onde o aluno é estimulado a emitir sua opinião, atividades em dupla, elogios a cada interação realizada.
Professora 2	No cotidiano em sala de aula é preciso traçar um plano de ensino respeitando a capacidade de cada aluno e estabelecer estratégias de aprendizagem diversificadas com o suporte da sala de recursos, buscando desenvolver habilidades interativas e cognitivas que ajudem no processo de aprendizagem e inclusão social.
Professora 3	Buscamos sempre fazer com que o aluno execute a rotina da escola, organizamos a sala de aula de maneira que diminua as dificuldades do aluno.
Professora de Apoio	Interação, socialização e principalmente a inclusão.

Os professores fazem aquilo que acreditam ser eficaz no processo de interação para o estudante com transtorno do espectro autista, ou utilizam as estratégias que de algum modo facilitem as habilidades interativas como nas falas acima. Porém é preciso estar sempre atualizado, buscar informações e trocar experiências com colegas, pais e profissionais, uma vez que cada estudante apresenta uma necessidade diferente, portanto as metodologias propostas que realmente não o interessa dificilmente ele acompanha ou desenvolve. Por isso a importância de formação e capacitação, mas também de acompanhamento profissional para os professores. As professoras entrevistadas falaram sobre suas estratégias em promover as habilidades sociais e cognitivas, mas é relevante entender que é preciso sair também destas práticas educacionais e buscar realmente aquilo que é de interesse do estudante, pois de fato a maioria falou em termos de promover a socialização, mas faltaram as estratégias que trabalhem de forma efetiva o desenvolvimento cognitivo.

As habilidades sociais e cognitivas no contexto familiar:

Busco saber o que a escola e os professores estão trabalhando para que possamos sempre trabalhar em consonância com a escola e obter melhor desenvolvimento da criança. Brincadeiras para trabalhar o raciocínio, leitura e interpretação, escrita, estímulo da linguagem, etc. Tudo isto com orientações de profissionais. (Mãe)

As habilidades sociais e cognitivas no contexto escolar:

Com eventos, projetos pedagógicos, brincadeiras, interações com professores, cuidadores. Todas essas possibilidades citadas devem ser voltadas para a evolução das habilidades desses estudantes. Leitura, jogos, brincadeiras. (GESTORA 1)

Através de atividades como: Leitura - Brincadeiras - Realização de atividades - Conversas dirigidas – Jogos. (GESTORA 2)

É possível perceber que os pais dão continuidade ao trabalho da escola, uma vez que aquilo em que a escola e o professores se propõem a fazer quanto ao uso de metodologias para as habilidades sociais e cognitivas é continuado no contexto familiar. Por isso que:

A escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas. Só assim, a família irá se sentir comprometido com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano. (PARO, 1997 Apud OLIVEIRA, 2018, p. 14-15)

Oliveira (2018) nos faz observar a importância da escola em fazer com que haja a participação dos pais ou responsáveis na vida escolar dos filhos, principalmente se estes apresentam necessidades educativas especiais, sendo relevante a articulação família-escola também nesse contexto. Sobre essa articulação:

Essa articulação é feita através de reuniões, conversas individuais com as famílias sobre o assunto de forma a juntos (escola e família) estabelecerem melhores estratégias para desenvolver o ensino e a aprendizagem do estudante com TEA. (GESTORA 1)

Esse aspecto faz toda a diferença. São por meio desse elo que a família e escola traçam caminhos, processos, avanços e metas para o desenvolvimento desse estudante. A escola colabora no crescimento intelectual desses estudantes e a família em parceria participa de forma efetiva desse processo. (PAI)

E através dessa parceria que a escola retiram as dúvidas, consegue acompanhar e saber a respeito de comportamentos, o que fazer mediante a uma situação de crise do estudante. E a família continua a formação do estudante seguindo a rotina escolar, avançando cada vez mais no processo de desenvolvimento do filho. Nesse aspecto temos a visão de que a escola e família unidas servem de base para que o estudante cresça, conquiste seus objetivos e seja reconhecido.

6.6. ADEQUAÇÕES NO CURRÍCULO PARA ATENDER AO ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O currículo escolar é um fator crucial para o desenvolvimento de uma escola, pois é ele quem determina as ações e propostas educacionais, as metodologias que serão trabalhadas durante o ano letivo pelos professores. Então pensar em uma adequação curricular é fundamental para o ensino e a aprendizagem do estudante com transtorno do espectro autista, pois é determinante para este que as atividades em sala atinjam o objetivo de desenvolvê-lo cada dia mais, sendo necessário que se o currículo utilizado não atenda suas necessidades educativas específicas passe por uma adequação de pequenas partes ou até uma modificação mais completa. Conforme González (2002, p. 162):

As adaptações curriculares relacionam-se com afirmações conceituais que fundamentam a necessidade de um currículo comum, geral, como resposta curricular à diversidade e respeito às diferenças individuais. Essas adaptações podem ser consideradas como a resposta adequada ao conceito de necessidades educativas especiais e ao reconhecimento, numa sociedade democrática, dos princípios de igualdade e diversidades. [...]

Desta forma González (2002), leva a reflexão de que o currículo deve ser para todos, atendendo e respeitando as diferenças no sentido de que as adequações que precisarem ser consideradas englobem as necessidades educativas especiais. Vejamos o que nos relatam as professoras sobre o que são as adequações curriculares:

Professora 1	Adaptar atividades de acordo com a necessidade apresentada pelo educando, trabalhar temas e conteúdos aos quais ele demonstra interesse.
Professora 2	Compreende as mudanças feitas com o objetivo de atender as necessidades particulares do estudante.
Professora 3	Um currículo que abranja toda a comunidade escolar, conforme seu público e suas necessidades.
Professora de Apoio	Informação da adaptação peculiaridades do aluno.

Todas as professoras conseguiram colocar pontos de vistas coerentes com o que se propõem como adequação curricular.

A escola que se propõem a adequar seu currículo mediante a necessidade específica de cada estudante e não apenas simplifica um currículo existente, consegue desempenhar seu papel na formação de uma sociedade justa, igualitária e humanizada. Para que essas mudanças sejam

realizadas demanda ações em conjunto do corpo docente e a gestão escolar com sua equipe, visto que as adequações sendo de modo complexo, por exemplo, atua dentro do próprio currículo como: mudanças no acesso deste, nos conteúdos, objetivos, nos elementos do currículo, metodologia e organização didática, no modo de avaliação e o tempo decorrido em sala. Mediante aos dados analisados da referida escola pesquisada, as gestoras quando perguntadas sobre que ou quais as adequações curriculares são promovidas pela escola para o desenvolvimento do estudante com transtorno do espectro autista, responderam:

Primeiro temos que dizer que uma dessas adequações diz respeito aos objetivos da escola, ou seja, a escola tem que ter a preocupação de promover a inclusão de forma ampla. Além disso, a escola precisa investir em recursos pedagógicos, bem como em profissionais como psicopedagogo, Assistente Social, psicólogo. Tudo isso faz parte de adequações curriculares para melhorar o ensino e aprendizagem do estudante com TEA. Um dos grandes desafios de se promover essas adequações é a falta de recursos pedagógicos e de profissionais habilitados **(GESTORA 1)**

Um currículo adequado é importante para uma melhor aprendizagem do estudante. Este currículo deve atender as necessidades educativas do estudante, sendo necessárias as adequações para que se possa ter realmente um desenvolvimento por parte do aprendente. A escola tem o cuidado de promover em seu currículo, metodologias e ações que visam o ensino e a aprendizagem de acordo com as necessidades do estudante: atividades de acordo com interesses, cadernos para avaliações de níveis de desempenho, projetos de leituras, eventos, encaminhamentos para as salas de AEE (Atendimento Educacional Especializado), depois de o estudante passar pela equipe profissional que faz parte da escola. **(GESTORA 2)**

Os pais relataram que ter um currículo adequado:

É de grande importância. Primeiro a questão de se ter uma equipe capacitada e preparada para lidar com a situação, e, além disso, ter pessoas preocupadas em avançar nesse processo tão desafiador principalmente por saber que precisamos estar em constante Aprendizagem sempre. **(MÃE)**. Um Currículo adequado faz com que os profissionais percorram caminhos a serem seguidos e nesse caso, o currículo precisa ser acima de tudo humanizado. Esse currículo adequado está garantindo direitos importantíssimos aos estudantes, mas sabemos que infelizmente isso ainda não se faz tão presente na realidade. As adequações curriculares realizadas em casa: atividades que trabalham concentração, estímulo da linguagem- leituras, jogos e aprendizagem através da brincadeira. **(PAI)**

Porém é perceptível a dificuldade que a escola tem em trabalhar essa adequação curricular, pois é notório o fato de que é uma mudança superficial, uma vez que não há de fato uma preocupação em desenvolver ou promover um ensino e aprendizagem focada na necessidade que o estudante traz. O caderno de avaliação não traduz a real necessidade do estudante só avalia o nível, porém se atém a trabalhar coordenação motora, pinturas, associar elementos e isso não compreende ou atende todas as especificidades do Transtorno do Espectro

Autista. Através de observação participante quando a escola funcionava de forma presencial, observou-se que as atividades se restringia a adaptações do currículo existente e incluía de forma demasiada a pintura. A percepção é de que o currículo muitas vezes inclui de maneira superficial de maneira que por ser obrigado aceitá-lo na escola não importa sua socialização, desenvolver o ensino e a aprendizagem atendendo a necessidade educativa dele, as famílias reconhecem a fragilidade da escola em apresentar um currículo sólido, mas em parceria vão moldando as melhores estratégias na condução do desenvolvimento do estudante.

6.7. ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)

O atendimento educacional de forma mais especializada é importante para consolidar as estratégias sociais e possibilitar as adequações curriculares e a escola possui esse atendimento que é de grande relevância em ajudar aos professores e pais no ensino e aprendizagem do estudante com transtorno do espectro autista, além de possibilitar atender à necessidade educativa de forma individualizada para cada estudante, o que facilita o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento na sala de aula junto ao professor e demais colegas. Foi definido pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e tem como

(...) função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela. (BRASIL, 2008, p. 10)

Como mostra a citação acima o Atendimento Educacional Especializado complementa o ensino regular e dessa forma não pode servir de substituição deste. E é uma proposta necessária para a escola visto que trabalha para melhorar e apoiar o que já é realizado por ela, além de promover o discurso sobre a Educação voltada à inclusão.

Muito importante. Esse atendimento garante ao estudante um atendimento mais personalizado regido dos direitos que são atribuições desse atendimento, a exemplo de profissionais mais preparados para lidar com o assunto.
(GESTORA 1)

6.8. A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL DE APOIO

Em relação ao estudante com transtorno do espectro autista ter um profissional de apoio, os sujeitos da pesquisa de modo majoritário responderam que sim, tinha importância a atuação deste profissional para o estudante, melhorando e facilitando assim o desempenho e desenvolvimento escolar deste.

Professora 1	Sim. Para auxiliar no seu desenvolvimento e sempre em busca de melhoria para esses alunos, além de tornar as atividades mais fáceis e de melhor compreensão.
Professora 2	Sim. Porque o professor assistente/cuidador escolar atua juntamente a equipe pedagógica e com o professor regular, onde são definidas estratégias que serão utilizadas para que o estudante tenha acesso a uma aprendizagem, mais efetiva, já que o cuidador está disponível para ajudar o aluno.
Professora 3	Sim. Porque o professor cuidador terá sua atenção voltada de forma exclusiva a esse estudante, podendo inclusive identificar as reais dificuldades do educando e, dessa forma, apontá-las ao professor titular para juntos buscarem estratégias de ensino que viabilizem uma melhor aprendizagem ao estudante que tem TEA.
Professora de Apoio	Com a ajuda deste profissional o trabalho torna-se mais dinâmico, e menos cansativo e também ajudando ao educando a se desenvolver melhor, pois assim acaba tendo uma melhor atenção.
Mãe	Sim. Existe a lei 12.764/12 que estabelece a política nacional dos direitos da pessoa com TEA e nela em seu art. 5. Parágrafo único o direito a acompanhante especializado ao aluno que está inserido em classe comum do ensino regular, e isto é para proporcionar a pessoa TEA um melhor desenvolvimento, aprendizado. A escola ao colocar o acompanhante especializado está cumprindo a lei.
Gestora 1	Sim. Esse profissional faz uma assistência voltada e especializada para atender ao que se planejou com o determinado aspecto a ser observado, investigado e através desse trabalho podemos perceber avanços, dificuldades e melhores formas de agirmos no decorrer do processo de ensino e aprendizagem desse estudante.
Gestora 2	Sim. Com o cuidador a criança se sente muito segura entende melhor o que o professor ensina

	e processo de aprendizagem é cada vez melhor. Quando a criança tem assistente/cuidador.
--	--

Ter um profissional de apoio é garantido por Lei ao estudante com transtorno do espectro autista, sendo este profissional um facilitador no processo do ensino e aprendizagem, pois é certo que este estudante receberá uma atenção e cuidado de forma individualizada, mesmo tendo o professor em sala para as explicações dos conteúdos e atividades propostas mediante o currículo que atenda suas necessidades. É necessário que este profissional esteja em constante formação e ter suporte adequado desde os recursos pedagógicos, materiais que facilitarão na aprendizagem e desenvolvimento, bem como **suporte psicológico** para acompanhar cotidianamente este estudante.

6.9. SOCIALIZAÇÃO E CURRÍCULO NO CONTEXTO ESCOLAR E FAMILIAR

A parte final da entrevista contribuiu para compreender-se a contextualizações das metodologias trabalhadas na escola e no ambiente familiar e atuação do currículo adequado aos dois contextos.

Exposição do conteúdo de forma direta conversando com o estudante no mesmo nível de seus olhos, leitura e análise de imagens levando em consideração as ideias e opiniões do educando, adaptação de algumas atividades de acordo com a necessidade apresentada pelo educando, exibição de vídeos claros e objetivos, estímulo a oralidade e interação com colegas e professores. Estímulo à leitura por meio de textos curtos e ampliação do vocabulário. (**PROFESSORA 1**)

Procuro sempre trazer materiais pedagógicos que despertam a atenção deles, como por exemplo, fantoches, avental literário, caixa musical e etc. (**PROFESSORA 3**)

Para que o estudante realize suas atividades, é preciso que a família tenha uma boa conexão com os profissionais da instituição para que dessa forma essas atividades sejam de fato voltadas e adequadas para o estudante, do contrário, isso vai gerar conflitos entre familiares e escola. Procuramos sempre cumprir a metodologia em continuação com a escola para que nosso filho não fique confuso, recebendo sempre as orientações dos profissionais, professores e do Atendimento Especializado, também contribuo dando dicas de como proceder de uma forma que eu acredito que facilite a aprendizagem do nosso filho. (**PAI**). A metodologia se dá por meio de estimular a leitura, vídeos com imagens e não textos, na interação sempre peço para focar o olhar, utilização de jogos e brincadeiras. Nas atividades escritas gosto de utilizar textos pequenos, para que possa ir se adaptando a leitura tanto em casa como na escola. (**MÃE**)

De maneira bem objetiva é possível observar que tanto no contexto escolar e no contexto familiar, são praticadas as metodologias de comum acordo, entende-se que no presente momento o currículo utilizado pela escola está atendendo a necessidade do estudante com transtorno do espectro autista, visto que é continuado na formação familiar. É preciso compreender também a real importância de se promover uma rede de apoio para o estudante com transtorno do espectro autista, onde estejam reunidos os profissionais habilitados para o atendimento especializado, os professores e a equipe escolar com os pais, seguidos de uma escola que realmente desenvolva a educação inclusiva, que atue no ensino e aprendizagem mediante a um currículo realmente adequado para atender as necessidades educativas do estudante, respeitando suas especificidades, que trabalhe para desenvolver sua socialização e construir sua autonomia, independência, possibilitando melhorar sua vida e convívio em sociedade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação da pessoa com Transtorno do Espectro Autista tem apresentado diversas mudanças significativas ao longo do tempo até chegar como está hoje, ou seja, partiu da exclusão, passando pela segregação, praticou a integração e por fim chegou à inclusão dando oportunidades para que todos compreendam que justamente nas diferenças todos se tornam iguais. O Transtorno do Espectro Autista (TEA), por ser uma condição em que acontece dentro de uma deficiência neurológica, causa grande impacto no desenvolvimento de quem tem o transtorno, onde estes impactos por sua vez interferem na socialização, interação, comunicação, gerando padrões de comportamentos repetitivos, interferindo também na maneira que o estudante ver ou percebe o mundo ao seu redor.

Refletindo sobre uma educação no sentido da inclusão é interessante a compreensão de que a escola em toda sua complexidade, gestores, professores e pais estejam em um mesmo comprometimento de incluir o estudante para assim haver realmente o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, das habilidades sociais e cognitivas, linguagem e o comportamento, sendo de fato que a educação inclusiva busque melhorar a qualidade de vida do estudante com.

É de grande importância então quando a escola promove a educação inclusiva, as estratégias de socialização e as adequações curriculares, tendo em vista que a socialização contribui para que o estudante tenha um desenvolvimento melhor ampliando as noções comportamentais, fazendo com que haja uma compreensão por parte deste das normas e valores que fazem parte da sociedade onde vivem, além disso, ajuda na adaptação quanto à inserção

desse estudante nos mais diversos ambientes. A modificação no currículo seja de um modo simples ou de grande porte atua para que o desenvolvimento do ensino e a aprendizagem aconteçam de forma eficaz para o estudante com transtorno do espectro autista, pois um currículo adequado atenderá de forma específica a necessidade educativa dele.

Com os dados analisados na pesquisa, foi possível analisar como a escola, representada pelas duas gestoras, professoras e pais promovem as estratégias de socialização e as adequações curriculares para o estudante. Para os sujeitos da pesquisa, promover a educação inclusiva, já se tornava algo complexo pela falta de formação, recursos pedagógicos e tecnológicos, didáticos, a própria necessidade dos estudantes e uma melhor ambientação para atender aos estudantes, além da falta de pessoas habilitadas e capacitadas para atender de forma específica cada necessidade educativa.

Em relação às estratégias de socialização no contexto escolar, busca-se a interação, o contato social do estudante através de projetos e eventos e atividades que visam à participação de todos, já os professores promovem rodas de conversa, atividades em grupos, jogos, brincadeiras que permitem a interação com os demais colegas, diálogos e práticas educacionais em que há uma aprendizagem sobre o respeito às diferenças, além da inclusão do estudante em atividades extraclasse, também utilizam a ludicidade como forma de socialização. No contexto familiar estas estratégias são promovidas no brincar (este com intuito de promover a interação, mas também a aprendizagem) e interação com os demais membros familiares.

Por isso quando se compara as estratégias de socialização entre pais, professores e gestores se percebem que há uma continuidade do contexto escolar ao contexto familiar, pois a estratégia de uma complementa as outras. É importante que professores pais e gestores trabalhem em consonância para que ocorra a socialização de uma forma eficaz, onde culmina para que a interação social ocorra dentro e fora da escola de uma maneira harmoniosa, levando o estudante com a evoluir e desenvolver as habilidades sociais, fazendo com que não se sinta mais excluído e que possa cada vez mais se tornar independente e interagir com seus semelhantes.

No que se referem às adequações curriculares todos os sujeitos da pesquisa apresentam pontos de vista coerentes ao significado dessa adequação, quando relatam que de um modo geral são mudanças, adaptações feitas no currículo que atendam de forma objetiva, as necessidades, interesses e peculiaridades do estudante. Porém sabe-se que para haver essa adequação é preciso a participação dos gestores, equipe escolar e professores que em uma ação

conjunta promove essa adequação que requer devida atenção, uma vez que precisa ser desenvolvida de fato a atender à necessidade educativa específica do estudante. Para as gestoras promover esta adequação é algo complexo, já que é preciso recursos pedagógicos, profissionais capacitados como psicopedagogo, psicólogo e assistente social, além de que os objetivos da escola têm que está realmente focado na educação inclusiva de forma ampla. Contudo uma das gestoras relata algumas metodologias que foram modificadas dentro do currículo existente para atender aos estudantes com necessidades educativas especiais como atividades de acordo com os interesses, cadernos para avaliar o nível de desempenho, projetos de leitura, evento e encaminhamento para a sala de atendimento educacional especializado, mas mediante observação a partir do estudante, na verdade o que ocorre não são atividades desenvolvidas de acordo com o interesse do estudante e sim pequenas adaptações de conteúdos propostos em sala, conteúdos que o estudante não conseguiu acompanhar, neste caso acontece uma simplificação do currículo já existente em sala e não uma adequação curricular.

Sabemos que é direito do estudante com transtorno do espectro autista ser incluído em tudo que diz respeito às atividades proporcionadas dentro do contexto escolar, assim como ter um currículo adequado as suas necessidades, participar daquilo que lhe desperta o interesse, enfim ser respeitado como todos os demais e pelas suas opiniões, além de que a metodologia utilizada no processo de ensino e aprendizagem seja de fato pautada em ajudar no seu desenvolvimento social, emocional, cognitivo e comportamental. Mediante a tudo isso de maneira objetiva é possível observar que tanto no contexto escolar e no contexto familiar, são praticadas as metodologias de comum acordo, entendendo que no presente momento o currículo utilizado pela escola está atendendo a necessidade do estudante, visto que é continuado na formação familiar, por exemplo, o estímulo a leitura, jogos e brincadeiras, atividades que levam a socialização, o uso da ludicidade, interação e o diálogo entre o estudante e demais pessoas do convívio escolar e familiar.

A pesquisa apresentou certa dificuldade para ser realizada em relação ao fato de que se houvesse mais tempo para o estudo de caso teria uma maior abrangência nas informações quanto ao tema proposto, porém devido a pandemia teve que se ater aos meios virtuais, o que também não deixou de ser um meio importante na realização da mesma. As escolas somente funcionavam através do ensino remoto, o que por sua vez não teve como fazer a observação mais aprofundada e com um tempo maior em campo, que seria ainda mais importante para a realização do estudo de caso.

Por ser a socialização e adequação do currículo conceitos de grande relevância no que diz respeito a Educação Inclusiva e consequentemente para o estudante com transtorno do espectro autista, é importante pesquisar sobre autores que estão na pesquisa e outros que descrevem sobre estas estratégias, uma vez que o transtorno do espectro autista apresenta variações, sendo assim professores, pais e gestores precisam estar sempre atualizados, buscar capacitações, informações e formações para ensinar e atender ao estudante mediante as suas necessidades educativas.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Dayana Araujo. **Autism and education: the inclusive process of the autistic student in the early years of elementary school**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Pitágoras, Ipatinga, 2020. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/autismo-e-educacao-o-processo-inclusivo-do-aluno-autista-nos-anos-iniciais-do-ensino-fundamental.htm> Acesso em: 25 set. 2020.

ANTUNES, Helenise Sangoi. RECH, Andréia Jaqueline Devalle. ÁVILA, Cínthia Cardona de. Educação inclusiva e formação de professores: desafios e perspectivas a partir do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **Práxis Educativa (Brasil)**, vol. 11, núm. 1, eneroabril, p. 171-198, 2016. Universidade Estadual de Ponta Grossa Ponta Grossa, Brasil Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=89442686009> Acesso em: 22 set. 2020.

BARBOSA, Gessica Raihane Ribeiro. Interação social em crianças acometidas pelo TEA – Transtorno do espectro autista. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 06, Vol. 11, pp. 49-55. Junho de 2020. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/interacao-social> Acesso em: 25 set. 2020.

BATTISTI, Aline Vasconcelo. HECK, Giomar Maria Poletto. **A Inclusão Escolar de Crianças com Autismo na Educação Básica: teoria e prática**. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus de Chapecó, 2015. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1251/1/BATTISTI%20e%20HECK.pdf> Acesso em: 22 set. 2020.

BECKER, Caroline. ANSELMO, Alexandre Guilherme. Modelo Social na Perspectiva da Educação Inclusiva. **Revista Conhecimento Online**. Novo Hamburgo. A.12, v.1, jan. -abr. Universidade FEEVALE, 2020. ISSN: 2176-8501 Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/1854> Acesso em: 25 set. 2020.

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira; CUNHA, Patrícia. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar. Transtornos globais do desenvolvimento. Brasília: **Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial**, 2010. p. 43. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/43219> Acesso em: 25 set. 2020.

BENINI, Wiviane. CASTANHA, André Paulo. **A Inclusão do Aluno com Transtorno do Espectro Autista na Escola Comum: Desafios e Possibilidades**. Governo do Estado, Secretaria de Educação. 1, Paraná, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_unioeste_wivianebenini.pdf Acesso em: 25 set. 2020.

BIRZNEK, Fernando Carvalho. HIGA, Ivanilda. A interação social em Paulo Freire e Vygotsky como referencial teórico na reflexão sobre as interações discursivas na aprendizagem de Física. **XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de

2017. Disponível em: <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R1944-1.pdf> Acesso em: 24 set. 2020.

BONI, Valdete. QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC** Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/> Acesso em: 07 out. 2020.

BRASIL. **LEI Nº 12.764, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2012.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm Acesso em: 22 set. 2020.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial (SEESP).** Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2014-pdf/16690-politicanacionaldeeducacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014> Acesso em: 22 set. 2020.

C327 2000. I 96p.: il. Documento eletrônico. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/construindo.pdf> Acesso em: 30 set. 2020.

CAMARGO, Eder Pires de. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces. **Ciênc.Educ.(Bauru)** vol.23 n. 1 Bauru Jan. Mar. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132017000100001&Lang=en&nrm=isso Acesso em: 15 set. 2020.

DAMACENA, Letícia Duarte. BOAS, Rose Mary Vilas. ENES, Eliene Nery Santana. **Transtorno Autista e Educação Inclusiva.** 09/2019. Universidade Vale do Rio Doce. Disponível em: https://www.univale.br/wp-content/uploads/2019/09/PEDAGOGIA-2016_1-TRANSTORNO-AUTISTA-E-EDUCA%C3%87%C3%83O-INCLUSIVA.-LETICIA-DUARTE-DAMACENA-ROSE-MARY-VILAS-BOAS.pdf Acesso em: 22 set. 2020.

DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos Olhares sobre a Educação e Cultura.** Belo Horizonte, 194 p. 2001. Editora UFMG. Disponível em: <https://docsbarraespartana.files.wordpress.com/2012/03/dayrell-juarez-multiplos-olhares-sobre-educacao-e-cultura.pdf> Acesso em: 25 set. 2020.

FERREIRA, Simone de Mamann; LIMA, Eloisa Barcellos de; GARCIA, Fernanda Albertina. O Serviço de Atendimento Educacional Especializado/AEE e Práticas Pedagógicas na Perspectiva da Educação Inclusiva. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**, Recife, v. 1, n. 1, p. 46 - 61, 2015. CAP UFPE. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernoscap/article/download/14993/17828> Acesso em: 22 set. 2020.

FINK, Isabel Cristina. **AUTISMO E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES E ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO.** Universidade do Vale do Taquari- UNIVATES. Lajeado, nov. 2018. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/2366/1/2018IsabelCristinaFink.pdf> Acesso em: 28 set. 2020.

SÉTUBAL, José Luiz. Símbolos que representam o autismo, saiba seu significado. **Instituto Pensi**. Blog postado em 11 jul. 2018. Disponível em: <https://institutopensi.org.br/blog-saude-infantil/simbolos-que-representam-o-autismo-saiba-o-significado/> Acesso em: 22 set. 2020.

GOMES, Paulyane T. M.; *et al.* Autism in Brazil: a systematic review of family challenges and coping strategies. **Jornal da Pediatria**. 2255-5536/© 2014 Sociedade Brasileira de Pediatria. Publicado por Elsevier Editora Ltda. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/jped/v91n2/pt_0021-7557-jped-91-02-00111.pdf Acesso em: 26 set. 2020.

KHOURY, Laís Pereira; *et al.* **Manejo comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar**. Editora Menon. P1-54. São Paulo, 2014. Disponível em pdf.: <https://www.comportese.com/2015/04/conheca-o-livro-manejo-comportamental-de-criancas-com-transtornos-do-espectro-do-autismo-em-condicao-de-inclusao-escolar> Acesso em: 15 set. 2020.

LARA, Ângela Mara de Barros; MOLINA, Adão Aparecido. **Pesquisa qualitativa: Apontamentos, conceitos e tipologias**. Capítulo 5. Disponível em: <https://gepeto.paginas.ufsc.br/files/2015/03/capitulo-angela.pdf> Acesso em: 07 out. 2020.

LAURENTI, Aline Cristina. *et al.* Interação Social de Crianças com Autismo. **V Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial**: 3 a 6 de novembro de 2009 - Londrina – PR - ISSN 2175-960X. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT10-2013/AT10-005.pdf> Acesso em: 22 set. 2020.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias. SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. RAMOS-AGRIPINO, Cibele Shirley. **Inclusão de Crianças Autistas: Um Estudo Sobre Interações Sociais no Contexto Escolar**. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n1/a09v20n1.pdf> Acesso em: 22 set. 2020.

MAIOLA, Carolina dos Santos. BOOS, Fabiana. FISCHER, Julianne. **Inclusão na Universidade sob a ótica dos acadêmicos com necessidades especiais: possibilidades e desafios**. Ponto de Vista, Florianópolis, n.10, p.79-93, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/download/20448/18673> Acesso em: 28 set. 2020.

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais- V (DSM-5). 5ª Edição. Disponível em pdf.: http://dislex.co.pt/images/pdfs/DSM_V.pdf Acesso em: 22 set. 2020.

MARINHO, C.P. I. **Educação inclusiva do aluno com necessidades especiais: desafios e perspectivas para os gestores**. (Curso de especialização em psicomotricidade clínica e escolar) Universidade federal do Rio Grande do Norte– UFRN 2018. Disponível em:

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). **Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. Brasília-DF, 2014. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf Acesso em: 15 set. 2020.

Nota Técnica Nº 24/2013/MEC/SECADI/DPEE. Documento eletrônico. Disponível em: http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fportal.mec.gov.br%2Findex.php%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D13287%26Itemid%3D&ei=pp2VVdTICZP5ggS3jaWgAg&usg=AFQjCNGeN9NxQrKg4okxyR9Gdy7c9pOj0W Acesso em: 22 set. 2020.

OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio de. **Adequações Curriculares na Área da Deficiência Intelectual: Algumas Reflexões.** Cap.8. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/8930.pdf> Acesso em: 25 set. 2020.

OLIVEIRA, E. **A criança portadora de necessidades educativas especiais e a sua inclusão no ensino regular.** Trabalho de Conclusão de Curso-Educação Inclusiva, mar.2014. Disponível em: <http://elianepedagogia2012.blogspot.com/> Acesso em: 22 set. 2020.

OLIVEIRA, Karina Griesi. SERTIÉ, Andréa Laurato. **Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético.** Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/eins/v15n2/pt_1679-4508-eins-15-02-0233.pdf Acesso em: 22 set. 2020.

OLIVEIRA, Q. A. N. **Interação entre escola e Família no processo de ensino e Aprendizagem da criança: Análise da revista Brasileira de Educação Especial** (Universidade Federal da Paraíba Licenciatura em Pedagogia), João Pessoa ,2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17972/1/JMPS01092020.pdf> Acesso em: 22 set. 2020.

PEDAGOGIA AO PÉ DA LETRA. **Artigo: Um olhar sobre o Autismo e sua especificidade.** Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/artigo-um-olhar-sobre-o-autismo-e-sua-especificidade/> Acesso em: 22 set. 2020.

PELIN, Leonice. **ESTRATÉGIAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM – TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.** Monografia de Especialização. Medianeira, 2013. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4458/1/MD_EDUMTE_2014_2_96.pdf Acesso em: 28 set. 2020.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. PRAÇA, F. S. G. 08, nº 1, p. 72-87, JAN-JUL, 2015. **Revista Eletrônica “Diálogos Acadêmicos”** (ISSN: 0486-6266). Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf Acesso em: 07 out. 2020.

PROJETO ESCOLA VIVA - Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - Alunos com necessidades educacionais. **Ministério da Educação.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/construindo.pdf> Acesso em: 25 out. 2020.

RUSSO, Fabiele. O que é o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). **Portal Neuro Conecta.** Disponível em: <https://neuroconecta.com.br/o-que-e-o-transtorno-do-espectro-do-autismo-tea/> Acesso em: 15 set. 2020.

SANINI, Claudia; SIFUENTES, Maúcha; BOSA, Cleonice Alves. **Competência Social e Autismo: O Papel do Contexto da Brincadeira com Pares**. Psicologia: Teoria e Pesquisa Jan-Mar 2013, Vol. 29 n. 1, pp. 99-105. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v29n1/12.pdf> Acesso em: 25 set. 2020.

SILVA, Alexandra Frias da. LEITE, Tereza, S. **Adequações Curriculares e Estratégias de Ensino em turmas Inclusivas: Um estudo exploratório no 1º ciclo**. Invest. Práticas 2, Lisboa, set.2015. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/inp/v5n2A04.pdf> Acesso em: 28 set. 2020.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. GAIATO, Mayra Bonifacio. REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo Singular- Entenda o Autismo**. p.1-297, 14 cap. Editora Objetiva. Rio de Janeiro.2012.

SILVA, Micheline. MULICK, James A. Diagnosticando o Transtorno Autista: Aspectos Fundamentais e Considerações Práticas. **PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO**, 2009, 29 (1), 116-131. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v29n1/v29n1a10.pdf> Acesso em: 22 set. 2020.

SILVA, Otto Marques Da. **A Epopeia Ignorada: A pessoa Deficiente na História do Mundo de Ontem e de Hoje**. São Paulo: CEDAS, 1986. Disponível em: <https://issuu.com/amaurinolascosanchesjr/docs/-a-epopeia-ignorada-oto-marques-da-> Acesso em: 28 set. 2020.

SILVA, P.I **Formação/Capacitação Dos Professores na Educação Inclusiva história da educação inclusiva, conceitos e formação docente**. (Curso De Pedagogia - Modalidade a Distancia) Universidade Federal da Paraíba Araruna 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11900/1/IPS17082018.pdf> Acesso em: 22 set. 2020.

SILVEIRA, Aline Machado de. SILVA, Henrique Borges Da. MAFRA, João da Silva. **Cadernos da FUNCAMP, v.18, n.33, p.126133/2019 ARTIGO ORIGINAL (Educação Inclusiva no Brasil)**. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/viewFile/1783/1163> Acesso em: 25 set. 2020.

SOUSA, Pedro Miguel Lopes de; SANTOS, Isabel Margarida Silva Costa dos. **Caracterização da Síndrome Autista**. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0259.pdf> Acesso em: 22 set. 2020.

STAINBACK, William; et al. **A Aprendizagem nas Escolas Inclusivas: E o Currículo?** Cap. 14. Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Co. 1992. Disponível em: http://files.zeadistancia.webnode.com/200000101-287e829768/Stainback%20-%20Stainback_%20Inclus%C3%A3o%20cap%2014.pdf Acesso em: 22 set. 2020.

SUNAKOZAWA, Vitória Rossi. MATHIAS, Letícia Isabela Silva de. VIDOTTI, Márcia Zucchi. Autismo: importância do diagnóstico precoce. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 09, Vol. 02, pp. 05-11. Setembro de 2020. ISSN: 2448-0959. Link de Disponível em:

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/diagnostico-precoce> Acesso em: 22 set. 2020.

TEBET, R. Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. **Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, Subsecretaria de Edições Técnicas**. Brasília, 2005 p.7-64. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf> Acesso em: 15 set. 2020.

TORMES, Jiane Ribeiro. MONTEIRO, Luana. MOURA, Luiza Cristina Simplício Gomes de Azevedo. **Estudo de caso: uma metodologia para pesquisas educacionais**. Disponível em: <http://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/57> Acesso em: 09 out. 2020.

VEIGA, Márcia Moreira. A inclusão de crianças deficientes na Educação Infantil. **Revista Paidéia**, 2008-pmd. P.169-196 Disponível em:<
<http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/download/924/698> Acesso em: 25 set. 2020.

VIEIRA, Gisele de Lima. EXPERIÊNCIAS DE INTERAÇÕES SOCIAIS DE UMA CRIANÇA COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Grupo de Trabalho – Diversidade e inclusão. ISSN 2176-1396. **EDUCERE- XII Congresso Nacional de Educação**. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16951_11323.pdf Acesso em: 25 set. 2020.

VINOCUR, Evelyn. **Autismo: o que é sintomas e tipos**. Disponível em: <https://www.minhavidacom.br/saude/temas/autismo> Acesso em: 22 set. 2020.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 65, p. 149-166, jul. /set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n65/0104-4060-er-65-00149.pdf> Acesso em: 07 out.2020.

ZANON, Regina Basso. BACKES, Barbara. BOSA, Cleonice Alves. Identificação dos Primeiros Sintomas pelos Pais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Jan-Mar 2014. Vol. 30 n. 1, p. 25-33. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n1/04.pdf> Acesso em: 22 set.2020.

APÊNDICES

ROTEIRO PARA OS PROFESSORES

1-A educação inclusiva é um conceito extremamente importante quando se refere a uma educação preocupada em incluir as necessidades educativas especiais de cada estudante, então qual (is) dificuldade (s) são encontradas para promover esta educação?

2-Sabe-se que a escola é peça fundamental no processo de socialização para o estudante com necessidades educativas especiais, de que forma você (s) promove esta socialização?

3-O Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta uma variabilidade em seus sintomas, o que faz com que aconteça de forma diferenciada em cada pessoa. De que forma você compreende a TEA?

4-Como se deu o primeiro contato com o estudante com TEA (como chegou com quem chegou e quais as primeiras reações)?

5-Com que frequência este estudante costuma frequentar as aulas?

6-Que estratégias são utilizadas para promover as habilidades interativas e cognitivas do estudante com TEA no cotidiano em sala de aula?

7-Para que o estudante consiga aprender, ter uma autonomia e ser atuante em sala de aula é necessário que se promovam adequações no currículo escolar. Para você (s) o que compreende uma adequação curricular?

8-Em relação ao rendimento escolar como se apresenta o estudante com TEA?

9-Para possibilitar um melhor desempenho do estudante com TEA, em relação ao ensino e o contato social, você (s) acha (m) relevante a atuação do professor (a) assistente/cuidador escolar?

() Sim () Não

Por quê?

10-Qual (is) as metodologias utilizadas em sala para o ensino e a aprendizagem do estudante com TEA?

ROTEIRO PARA GESTORES

1-A educação inclusiva é um conceito extremamente importante quando se refere a uma educação preocupada em incluir as necessidades educativas especiais de cada estudante, então qual (is) dificuldade (s) são encontradas para promover esta educação?

2-Sabe-se que a escola é peça fundamental no processo de socialização para o estudante com necessidades educativas especiais, de que forma a escola promove esta socialização?

3-O Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta uma variabilidade em seus sintomas, o que faz com que aconteça de forma diferenciada em cada pessoa. De que forma a escola compreende a TEA?

4-De que forma a articulação escola-família é promovida para o desenvolvimento do estudante com TEA?

5-Que estratégias são utilizadas para promover as habilidades sociais e o desenvolvimento do estudante com TEA no contexto escolar?

6-Que ou quais adequações curriculares são promovidas pela escola para melhorar o ensino/aprendizagem do estudante com TEA?

7-O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é importante para consolidar as estratégias sociais e um currículo adequado? Por quê?

8-Quais são os principais desafios escolares em promover as adequações curriculares?

9-Para possibilitar um melhor desempenho do estudante com TEA, em relação ao ensino e o contato social, a escola acha relevante a atuação do professor (a) assistente/cuidador escolar?

() Sim () Não

Por quê?

10-Qual a importância que a escola representa em promover um currículo adequado para o estudante com TEA?

ROTEIRO PARA OS PAIS DO ESTUDANTE COM TEA

1-A educação inclusiva é um conceito extremamente importante quando se refere a uma educação preocupada em incluir as necessidades educativas especiais de cada estudante, então qual (is) dificuldade (s) são encontradas para promover esta educação no âmbito familiar?

2-Sabe-se que a escola é peça fundamental no processo de socialização para o estudante com necessidades educativas especiais, mas de que forma no contexto familiar é também promovida esta socialização?

3-O Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta uma variabilidade em seus sintomas, o que faz com que aconteça de forma diferenciada em cada pessoa. De que forma a família compreende a TEA?

4-De que forma a articulação família-escola é promovida para o desenvolvimento do estudante com TEA?

5-Que estratégias são utilizadas para promover as habilidades interativas e cognitivas do estudante com TEA no cotidiano familiar em consonância ao contexto escolar?

6-Qual a importância de um currículo adequado para o estudante com TEA?

7-Que percepção a família tem da escola em relação:

a) ao currículo:

b) as estratégias de socialização:

8-Quais as metodologias trabalhadas no contexto familiar para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem do estudante com TEA?

9-Para possibilitar um melhor desempenho do estudante com TEA, em relação ao ensino e o contato social, a família acha relevante a atuação do professor (a) assistente/cuidador escolar?

() Sim () Não

Por quê?

10-Quais as dificuldades que a família encontra no ato de promover as estratégias sociais e no desenvolvimento das atividades escolares em casa.